



O Ministério de Um Ano de Yeshua: Uma Análise Textual, Patrística e Profética

Resumo

Este estudo reavalia a duração do ministério público de Yeshua (Jesus), tradicionalmente considerado como sendo de três anos e meio. Com base na crítica textual dos manuscritos do Evangelho de João, em testemunhos patrísticos¹ e na harmonização com o calendário festivo de Israel, argumenta-se que o ministério durou, na realidade, **cerca de um ano**. A tese tradicional, defendida desde Eusébio de Cesareia no século IV, assenta numa leitura teológica de Daniel 9:24-27 que não é confirmada pelos textos evangélicos. Ao contrário, os Evangelhos descrevem um ministério breve, coerente, denso em significado e alinhado com a profecia de Isaías 61. Este artigo demonstra que a hipótese de um ano é mais fiel ao texto, à história e à teologia originais.

1. Introdução: Tradição ou Texto?

A duração do ministério público de Yeshua é um dos elementos mais estabelecidos na tradição cristã. Desde os primeiros séculos da era cristã, prevaleceu a ideia de que o ministério do Messias se estendeu por **três anos e meio**. Esta visão moldou a teologia, a catequese² e a iconografia da Igreja durante séculos. Contudo, uma análise exegética rigorosa revela que essa posição pode não ter fundamento no texto bíblico, mas sim na tradição teológica pós-apostólica.

Os quatro Evangelhos canónicos — Mateus, Marcos, Lucas e João — relatam os principais episódios da vida pública de Yeshua, mas **nenhum deles afirma diretamente a duração do seu ministério**. Os evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) apresentam os acontecimentos do ministério de forma densa e rápida, sugerindo que decorreram **num curto espaço de tempo**. João, embora contenha mais indicações temporais — como festas judaicas — também não oferece uma cronologia explícita que justifique três anos e meio.

A origem desta ideia reside sobretudo na tentativa de ligar os acontecimentos da vida de Yeshua a certas **profecias do Antigo Testamento**, especialmente a das **setenta semanas de Daniel** (Daniel 9:24-27). Esta profecia foi lida por muitos cristãos primitivos como uma referência velada à missão do Messias. Em particular, a expressão “na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta” (Daniel 9:27) foi entendida por alguns intérpretes como referindo-se à morte de Yeshua ao fim de três anos e meio de ministério, assumindo que cada “semana” simbolizava sete anos.

Foi **Eusébio de Cesareia** (c. 260–339 d.C.), um dos mais influentes teólogos da Igreja imperial, que sistematizou esta leitura no contexto de uma teologia da história. Ele escreveu:

¹ Referente ao que está relacionado com os **Pais da Igreja** – tema que desenvolveremos mais à frente – e ao estudo dos seus escritos e da sua influência no pensamento cristão primitivo.

² Instrução sistemática na fé cristã, destinada a preparar alguém para o batismo e para a vida na comunidade. De modo mais amplo, a palavra também pode referir-se ao processo contínuo de formação na fé e não apenas à preparação inicial.

“O ministério de Yeshua durou três anos e meio, cumprindo a profecia de Daniel.”

— *História Eclesiástica*, Livro I, Cap. 10

“Ora, todo o período do ensino e realização de milagres do nosso Salvador é dito ter sido de três anos e meio, que é metade de uma semana.”

— *Eusébio de Cesareia, A Demonstração do Evangelho*, Livro VIII

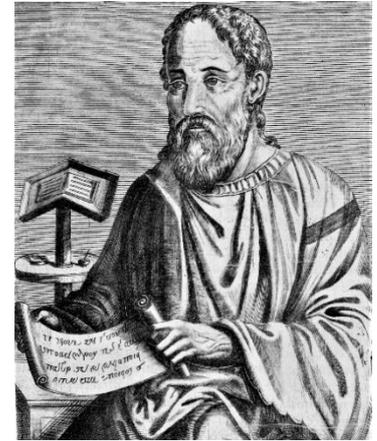


Figura 1 - Eusébio de Cesareia

A influência de Eusébio foi determinante. Como conselheiro de Constantino e autor de uma história eclesiástica que se tornou canônica, o seu pensamento moldou profundamente a tradição cristã do século IV em diante. A partir de então, a cronologia do ministério de Yeshua passou a ser **lida através da lente de Daniel 9**, muitas vezes em detrimento da estrutura textual e histórica dos próprios Evangelhos.

No entanto, esta abordagem levanta sérios problemas. Em primeiro lugar, não há qualquer indício de que os evangelistas tivessem em mente uma cronologia de três anos e meio. Os seus relatos são organizados por temas, regiões ou confrontos, e raramente seguem uma estrutura temporal exata. Em segundo lugar, os indícios internos dos Evangelhos, nomeadamente a ausência de uma terceira Páscoa inequívoca, desafiam diretamente essa leitura.

Além disso, o próprio uso da profecia de Daniel deve ser abordado com cautela. A sua linguagem simbólica e apocalíptica pode ser lida de várias maneiras e não pode deixar de ser corroborada pela leitura literal da narrativa dos Evangelhos.

O que se impõe, então, é um retorno à **leitura direta do texto**. Quando se lêem os Evangelhos com atenção, especialmente João, e se observam o número e sequência das solenidades bíblicas descritas — Páscoa, Pentecostes, Tabernáculos, Chanucá³ — torna-se evidente que a leitura mais coerente e historicamente consistente é a de que o ministério de Yeshua tenha decorrido ao longo de um único ciclo anual. Essa leitura não só resolve dificuldades teológicas (como a ausência de Yeshua em Jerusalém durante uma Páscoa mencionada em João 6:4), como também é apoiada por vários **testemunhos patrísticos anteriores a Eusébio**, como veremos nas secções seguintes.

Ao longo deste artigo, serão analisadas as **fontes textuais**, os **manuscritos antigos**, os **testemunhos dos Pais da Igreja** e a **estrutura narrativa dos Evangelhos**, com o intuito de demonstrar que a tradição de três anos e meio, por mais difundida que esteja, é uma construção posterior, e que o ministério público de Yeshua foi, na realidade, **intenso, profético, mas breve — cerca de um ano**.

³ A festa de Chanucá, embora não constitua uma solenidade bíblica — pois não é mencionada em Levítico 23 e apenas surge no período dos Macabeus, séculos mais tarde — revela-se, contudo, um marco relevante para a determinação da cronologia do ministério de Yeshua.

2. A Génese do Ministério de 3 ½ Anos

A ideia de que o ministério público de Yeshua durou três anos e meio tornou-se, ao longo dos séculos, quase uma ortodoxia incontestada no seio do cristianismo tradicional. Contudo, esta cronologia não deriva diretamente dos textos evangélicos nem corresponde à compreensão apostólica inicial. Pelo contrário, os escritos cristãos dos primeiros três séculos refletem, de forma quase unânime, a noção de um ministério breve, centrado num único ano “aceitável” do Senhor, em linha com Isaías 61:2 e Lucas 4:19. Só com Eusébio de Cesareia, no início do século IV, surge pela primeira vez a tentativa explícita de expandir esse ministério para três anos e meio — com base numa leitura simbólica da profecia das 70 semanas de Daniel.

O Primeiro a Propor Explicitamente Três Anos e Meio

A cronologia dos três anos e meio do ministério de Yeshua é essencialmente uma construção eusebiana. Convém aqui salientar no entanto que, muito embora Eusébio tenha sido a pessoa mais influente e o principal responsável pela promoção e divulgação da teoria dos três anos e meio de ministério, ele não foi o primeiro a sugeri-la⁴.

No entanto, podemos afirmar que, a grande maioria dos autores cristãos anteriores a Eusébio que se pronunciaram sobre este tema, defendem um ministério curto de cerca de um ano de duração:

- **Clemente de Alexandria** fala num ministério de um ano.
- **Tertuliano** diz que o Cristo pregou durante “um único ano”.
- **Orígenes** declara que “depois de um único ano de pregação, foi crucificado”.

Só Eusébio — cronista de Constantino, teólogo imperial e promotor da nova ortodoxia — formula e defende a ideia de que o ministério de Yeshua durou **três anos e meio**, e fá-lo recorrendo à **profecia de Daniel 9:27**, a chamada “**metade da semana**”:

“Todo o período do ensino e realização de milagres do nosso Salvador é dito ter sido de três anos e meio, que é metade de uma semana. João, o Evangelista, no seu Evangelho, deixa isso claro para os atentos.”

— *Demonstração do Evangelho*, Livro VIII, cap. 106

Esta leitura profética serve como base teológica, não histórica. A sua génese é alegórica e não textual, e a sua função era harmonizar a vida de Yeshua com o calendário escatológico de Daniel. Para isso, Eusébio interpreta as referências à Páscoa em João 2:13 e João 11:55 como celebrações pascais efectivas, mas reinterpreta a festa não identificada em João 5:1 e a menção controversa em João 6:4 também como Páscoas, de modo a obter quatro celebrações distintas. Tal procedimento, porém, implica forçar o texto e atribuir duas Páscoas adicionais àquelas que o texto do Evangelho de João efectivamente refere.

⁴ **Hipólito de Roma (c. 170–235)**, cerca de dois séculos antes, foi um dos primeiros a sistematizar a leitura de Daniel 9 como chave para a cronologia de Yeshua. Na sua obra “*Comentário a Daniel*”, Hipólito defende que Yeshua cumpriu a profecia da “meia-semana”, sendo “cortado” após três anos e meio de ministério. Hipólito é provavelmente o primeiro autor cristão conhecido a propor diretamente a leitura que Eusébio depois populariza.

O Contrato Imperial das 50 Bíblias — E a Centralização do Cânone

A força e a influência das ideias de Eusébio estão diretamente ligadas à sua posição política e institucional no contexto da nova aliança entre o Império Romano e a Igreja. Após o Concílio de Niceia (325 d.C.), o imperador Constantino incumbiu Eusébio de uma tarefa sem precedentes: a **produção de cinquenta cópias completas da Bíblia**, destinadas às principais igrejas do Império Romano Oriental. Eusébio relata esta incumbência na sua *Vida de Constantino* (Livro IV, capítulo 36):

“Foi-me conveniente mandar ordenar à tua Prudência que se façam cinquenta cópias das Sagradas Escrituras — cópias cuja provisão e uso sabes ser muitíssimo necessárias para a instrução da Igreja — que sejam escritas em pergaminho preparado, de forma legível, em formato conveniente e portátil, por escribas profissionais perfeitamente treinados na sua arte.”

— *Vida de Constantino, Livro IV, Capítulo 36*

Este projeto representava não apenas um contrato imperial de enorme prestígio, mas também uma oportunidade singular de **fixar e uniformizar** um texto bíblico canônico, numa época em que a circulação de evangelhos, epístolas e escritos cristãos era muito mais fluida e diversificada. Embora não se conheçam as cópias exatas feitas sob a supervisão de Eusébio, muitos estudiosos acreditam que os manuscritos mais antigos que temos — como o *Codex Vaticanus* e o *Codex Sinaiticus* — são descendentes diretos desse esforço.

Esta centralização textual deu a Eusébio um poder imenso: tudo o que escrevia, comentava ou organizava em termos de cronologia e doutrina ganhava peso institucional. Ao incluir a cronologia dos “três anos e meio” como interpretação oficial na sua *Demonstração do Evangelho* e nas *Crônicas*, essa ideia passou a integrar a tradição eclesiástica dominante, apesar de carecer de apoio nos textos evangélicos e contradizer o testemunho dos autores cristãos anteriores.

A Separação Artificial dos Evangelhos

O próprio Eusébio reconhece que os três evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) relatam apenas **um único ano de ministério**⁵, iniciado **depois** da prisão de João Batista:

“É evidente que os três Evangelistas registaram apenas os feitos realizados pelo Salvador **durante um ano**, após a prisão de João Batista...”

— *História Eclesiástica, Livro III, Capítulo 24.7*

No entanto, Eusébio tenta “salvar” a teoria dos três anos e meio ao propor que o Evangelho de João descreve os acontecimentos **anteriores** a essa prisão:

“João, no seu evangelho, regista os feitos de Cristo que foram realizados antes de João Batista ser lançado na prisão, mas os outros três evangelistas mencionam os eventos que aconteceram depois desse tempo.”

— *História Eclesiástica, Livro III, Capítulo 24.12*

Este esquema cria uma cronologia composta e fragmentada, sem base explícita nos textos, e obriga a assumir que Yeshua teria iniciado o seu ministério **antes** da prisão de João Batista — algo que os Evangelhos desmentem frontalmente (cf. Marcos 1:14; Mateus 4:12; João 3:24).

⁵ Ver Apêndice para mais pormenores.

A “invenção” dos três anos e meio exige, pois, tanto um rearranjo dos evangelhos como um uso alegórico e profético que sobrepõe interpretações a factos textuais.

A Profecia de Daniel 9:24-27 — E o Aviso de Ibn Ezra

A justificação apresentada por Eusébio para estender o ministério de Yeshua até três anos e meio assenta numa leitura tipológica e escatológica de Daniel 9:27:

“E ele firmará aliança com muitos por **uma semana; e na metade da semana** fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares...”

Segundo Eusébio, esta “metade da semana” — isto é, três anos e meio — corresponde exatamente ao período de pregação e milagres de Yeshua até à sua morte, que teria feito cessar, em sentido espiritual, os sacrifícios do Templo. Esta associação, no entanto, não surge de qualquer afirmação direta dos Evangelhos, mas de um paralelismo interpretativo imposto retroativamente à narrativa da vida de Cristo.

No entanto, esta leitura profética não é unânime nem pacífica, e muitos exegetas, especialmente dentro da tradição judaica, alertaram para os perigos de fazer interpretações forçadas e anacrónicas de Daniel 9. Um desses alertas é particularmente expressivo: trata-se do comentário do rabino **Avraham Ibn Ezra** (século XII), que ridiculariza aqueles que manipulam interpretações para se ajustarem às suas noções preconcebidas. Ele diz que o objetivo é disparar a flecha e acertar no alvo, mas algumas pessoas fazem o oposto. Elas disparam a flecha e depois caminham até onde ela caiu e desenham o alvo ao redor dela. Esta analogia é usada para destacar como alguns intérpretes forçam o texto a se ajustar às suas conclusões desejadas em vez de o analisar objetivamente.

Com esta imagem, Ibn Ezra denuncia uma prática exegética em que o intérprete já tem uma conclusão definida — como a morte do Messias em “três anos e meio” — e depois procura no texto bíblico formas de justificar retroativamente essa ideia. Isto é, em vez de deixar o texto guiar a interpretação, força-se o texto a validar uma construção externa. Ibn Ezra acusa estes intérpretes de ignorarem o texto original para imporem uma leitura teológica posterior que o texto, em si mesmo, não autoriza.

A acusação de Ibn Ezra aplica-se diretamente à abordagem de Eusébio. A cronologia dos “três anos e meio” não emerge de uma leitura natural do texto evangélico, mas sim da necessidade teológica e política de alinhar os eventos da vida de Yeshua com o esquema profético de Daniel. Com essa seta teológica já lançada, Eusébio desenha à volta dela o alvo profético — e com isso fixa, institucionalmente, uma leitura que perdura até hoje, embora desprovida de base nos Evangelhos ou nos primeiros escritores cristãos.

Uma Teologia ao Serviço do Império

O propósito último desta cronologia mais longa parece estar ao serviço de uma teologia imperial. Ao expandir o ministério de Yeshua para três anos e meio — a “metade da semana” de Daniel — e ao interpretar os restantes três anos e meio como prolongamento espiritual através da Igreja e do Império, Eusébio oferece uma leitura da história que legitima a nova ordem. A autoridade imperial de Constantino é lida como continuação da missão de Cristo, e a Igreja passa a ser entendida como o “reino milenar” inaugurado no tempo devido. A autoridade dos seus líderes, incluindo o bispo de

Roma, recebe, assim, um respaldo interpretativo com fundamento profético, tal como apresentado por Eusébio.

Quando se lê o quanto Eusébio elogia Constantino, chega a ser evidente que tal elogio não é neutro. Não é surpreendente, portanto, que tenha desenvolvido a ideia, questionável, dos três anos e meio de ministério de Yeshua, apenas para concluir que, no século IV, todas as profecias já haviam sido cumpridas e que o Messias teria regressado com pleno poder — na figura do próprio imperador Constantino. Esta interpretação, que antecipa o regresso de Yeshua “com autoridade absoluta sobre todos os reinos da Terra”, serviu para fornecer à Igreja Romana uma justificação doutrinária para atos de extrema violência que se prolongariam por séculos, lançando, de certa forma, a semente da Inquisição.

Em resumo: o prolongamento artificial da duração do ministério de Yeshua para três anos e meio nasce não de uma exegese neutra, mas da necessidade de harmonizar texto, teologia e poder imperial. Com as 50 Bíblias oficiais, Eusébio assegurou que essa versão se tornasse o padrão, consolidando uma visão da história profundamente marcada pelo imperativo político e religioso do século IV.

3. A Questão de João 6:4

No cerne da controvérsia sobre a duração do ministério de Yeshua está um único versículo: **João 6:4**. Este afirma, na maioria das traduções atuais:

“Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima.”

Esta frase, aparentemente inocente, é a **única base textual** para a presença de uma terceira Páscoa durante o ministério público de Yeshua. É ela que obriga muitos cronologistas a estender a missão do Messias para além de dois anos, com três celebrações pascais distintas. Porém, uma análise crítica e textual revela que **este versículo não parece ter feito parte do texto original do Evangelho de João**.

Contudo, tanto a **contextualização literária** quanto a **crítica textual** levantam sérias dúvidas sobre a autenticidade deste versículo.

Incongruência Narrativa e Teológica

Se João 6:4 for aceite como autêntico, o Evangelho de João apresenta três Páscoas:

- João 2 (início do ministério)
- João 6 (suposta segunda Páscoa)
- João 13 (última Páscoa, com a crucificação)

No entanto, esta suposta **segunda Páscoa** mencionada em João 6:4 não é acompanhada de qualquer **subida a Jerusalém**, como seria exigido pela Torá. Em **Deuteronómio 16:16**, lemos claramente:

“Três vezes no ano todo o teu varão aparecerá perante o Senhor teu Deus, no lugar que ele escolher: na festa dos ázimos, e na festa das semanas, e na festa dos tabernáculos.”

Portanto, a omissão de uma peregrinação a Jerusalém **não é um detalhe menor**: trata-se de uma **transgressão direta à Torá**, algo inconcebível na vida de Yeshua, que veio cumprir toda a justiça (Mateus 3:15). A sua missão messiânica está intrinsecamente ligada ao cumprimento da Torá. Como o **“Cordeiro sem mancha”** (1 Pedro 1:19), qualquer falha na observância da Lei **colocaria em causa a legitimidade da sua missão e identidade como o Messias de Israel**.

Contudo, os acontecimentos descritos no capítulo 6 de João contradizem a exigência de peregrinação:

- **Yeshua permanece na Galileia**, mais especificamente junto ao mar da Galileia, onde realiza o **milagre da multiplicação dos pães** (João 6:10–13). Este episódio, longe de situar-se na primavera — altura da Páscoa —, ocorre **no final do verão, no fim do sexto mês hebraico (Elul)**, a apenas **dezoito dias da Festa dos Tabernáculos (Sucot)**. Esta datação é confirmada pelo contexto litúrgico e pelos temas que se seguem imediatamente.
- Dois dias após o milagre, Yeshua está ainda mais a norte, em **Cafarnaum**, a pregar na sinagoga (João 6:59). A sua pregação incide sobre temas escatológicos: **“a ressurreição no último dia”** (João 6:39-40), o que aponta diretamente para as temáticas do **Yom Teruá (Dia das Trombetas)**, o primeiro dia do sétimo mês — uma festa associada ao arrependimento e

ao início do ciclo escatológico do outono. E, de acordo com os Evangelhos sinópticos, 13 dias após a multiplicação dos pães ocorre o episódio da Transfiguração que teria assim tido lugar durante o Dia da Expição (Yom Kipur – no 10º dia do 7º mês). O discurso de Yeshua, pelo seu conteúdo e timing, **alinha-se assim com o calendário das festas de outono, não com a Páscoa.**

- Mais ainda, o capítulo seguinte, **João 7**, começa precisamente com Yeshua a preparar a **subida a Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos** (João 7:1–2). Esta sequência mostra que a narrativa está a caminhar diretamente para Sucot, sem qualquer transição que justifique uma Páscoa intermédia. Se João 6:4 se referisse realmente à Páscoa, então os capítulos seguintes deveriam relatar uma peregrinação e estadia em Jerusalém, o que não acontece. Pelo contrário, **não há qualquer evidência de que Yeshua tenha subido a Jerusalém para essa suposta Páscoa.**
- Os **discípulos também não sobem**. Permanecem com Yeshua na Galileia e são protagonistas nos episódios narrados antes e depois do versículo controverso. Não há qualquer menção a peregrinação, preparação para a Páscoa, ou mesmo reflexões pascais no discurso de Yeshua — o que seria de esperar se a festa estivesse de facto “próxima”.
- Além disso, a **multidão** que segue Yeshua — descrita como **cinco mil homens** (João 6:10)⁶ — encontra-se **no campo, sem provisões**, de tal modo que é necessário multiplicar pães e peixes para os alimentar. Ora, **se estivessem a caminho de Jerusalém para a Páscoa**, estariam preparados para uma viagem de vários dias e teriam comida consigo. A sua presença no campo, desprevenida, indica que **não estavam em peregrinação**, mas sim no seu contexto habitual.
- Outro elemento significativo: a **sinagoga de Cafarnaum está cheia** (João 6:59), o que confirma que a população local — que deveria estar em Jerusalém ou a caminho se a Páscoa estivesse iminente — **permanece na Galileia.**
- A ausência coletiva da peregrinação é ainda mais evidente quando vemos que **fariseus provenientes de Jerusalém também estão na Galileia** em interação com Yeshua (Marcos 7:1-2), o que confirma que **a elite religiosa ainda não estava em Jerusalém** para qualquer celebração pascal. Este grupo religioso, defensor rigoroso da Lei, jamais negligenciaria a ida a Jerusalém para a Páscoa, a não ser que **não houvesse Páscoa nesse momento.**

Em resumo, **nem Yeshua, nem os discípulos, nem a população da Galileia, nem os próprios fariseus estão em Jerusalém ou a caminho dela** durante o período coberto por João 6. A aceitação de João 6:4 como uma referência real à Páscoa obrigaria a admitir que **ninguém cumpriu a exigência da Lei**, uma conclusão inadmissível no quadro bíblico e teológico.

Além disso, os **evangelhos sinópticos** — nomeadamente Marcos 6–7 e Mateus 14–15 — colocam os acontecimentos da multiplicação dos pães, o caminhar sobre as águas, a cura dos enfermos de Genesaré e a polémica sobre a pureza ritual **imediatamente antes da subida a Jerusalém para os Tabernáculos**. Ou seja, a própria tradição sinóptica **alinha com João ao colocar Yeshua e os discípulos a caminho de Jerusalém para Sucot logo após a multiplicação dos pães**, e não para a Páscoa.

⁶ Naturalmente teríamos de considerar também um número indeterminado mas aproximado de mulheres e, certamente, crianças.

Assim, a análise interna dos capítulos 6 e 7 de João, corroborada pelos sinópticos e pelo calendário bíblico, mostra que **João 6:4 não se pode referir a uma Páscoa real**. Se o versículo for mantido como autêntico, então o texto do evangelho retrata **um cenário de desobediência coletiva à Torá**, algo totalmente incompatível com o retrato que os Evangelhos constroem de Yeshua. A única explicação plausível e coerente é que João 6:4 seja uma **interpolação posterior**, introduzida para expandir artificialmente o ministério e ajustar a narrativa a uma interpretação profética que não está presente no texto original.

Além disso, a inserção deste versículo tem **consequências devastadoras para a coesão narrativa do Evangelho de João**. O que parece ser apenas um marcador temporal cria, na verdade, um vazio cronológico impossível de justificar. Eis o porquê:

Um Ano Inteiro de Silêncio Narrativo

Com a introdução de uma terceira Páscoa em João 6:4, a cronologia tradicional obriga a estender o ministério de Yeshua por mais um ano. No entanto, os capítulos seguintes **não contêm qualquer registo de atividades durante esse suposto período de 12 meses**. As implicações são claras:

- A festa imediatamente anterior a esta Páscoa de João 6:4 seria a **Festa de Shavuot** (Pentecostes) de João 5 que teria tido lugar **seis meses antes**.
- Imediatamente a seguir a João 6, a narrativa prossegue com João 7:1–2, que nos coloca já às portas da **Festa dos Tabernáculos** (Sucot), que ocorre em setembro/outubro — **seis meses exactos depois da Páscoa**.

Assim, se a Páscoa de João 6:4 for autêntica, temos:

- **Seis meses antes dessa Páscoa** (entre João 5 e João 6): **nenhuma atividade registada**.
- **Seis meses depois dessa Páscoa** (entre João 6 e João 7): **novamente silêncio narrativo**.

O resultado? Um período de **um ano completo sem qualquer narrativa** — num Evangelho que, até então, descreve os eventos com detalhes, discurso teológico e diálogos extensos.

Este “ano de silêncio” contrasta com o estilo literário do Evangelho de João, que procura apresentar **uma progressão contínua** da missão de Yeshua, com discursos densos (João 3, 4, 5, 6, 10, 14–17) e sinais progressivos. A súbita ausência de conteúdo durante um ano inteiro seria inexplicável — a menos que esse ano **nunca tivesse existido na intenção original do autor**. Tal lacuna sugere que o versículo pode ter sido introduzido ou modificado tardiamente com o propósito de estender artificialmente a cronologia.

Como observou **João Crisóstomo** (Séc.IV), mesmo partindo do princípio da existência dessa Páscoa, o comportamento de Yeshua nela seria problemático e acarretaria consequências gravosas:

“Quando todos se dirigem a Jerusalém porque é Páscoa, Ele vai para a Galileia... Começava silenciosamente a anular a Torá.”

— *Homilia XLVIII sobre João 6:4*

Esta observação retórica sublinha o **absurdo teológico** que a interpolação cria: ou se considera João 6:4 não autêntico, ou aceita-se, à semelhança de João Crisóstomo, que o próprio Messias **não cumpriu a Torá** — algo incompatível com a sua missão.

Silêncio dos Evangelistas e dos Primeiros Autores

Outra consequência do versículo é o seu **silêncio histórico**. Nenhum outro evangelho menciona uma Páscoa intermédia entre a primeira e a última. Os evangelhos sinópticos, que seguem uma cronologia compacta, não registam qualquer acontecimento que se enquadre nesse espaço temporal.

Mais ainda, como veremos mais adiante, muitos dos Pais da Igreja mais antigos não reconheciam nenhuma Páscoa entre João 5 e João 13. Esta ausência de João 6:4 é inexplicável se o versículo já existisse no texto de João que eles tinham à sua frente.

Crítica Textual e Manuscritos

Diversos estudiosos e críticos textuais têm defendido que João 6:4 é **uma interpolação** — ou seja, uma adição feita por um copista posterior. Entre os argumentos:

- **Manuscritos antigos**, como o códice 472, omitem o versículo ou consideram-no de origem dúbia.
- **Testemunhos patrísticos** ignoram João 6:4.
- A crítica textual moderna reconhece que há variações importantes na tradição manuscrita de João neste ponto.

Testemunhos Históricos

A suspeita sobre João 6:4 não é nova. Teólogos de diferentes épocas levantaram dúvidas:

“Penso que todo o versículo é uma interpolação... Aquele que cumpriu toda a justiça não teria estado ausente de uma Festa da Páscoa que (como aqui se diz) estava próxima.”

— *Zachary Pearce, 1777*

“Os antigos [...] parecem não ter lido a palavra Pascha em João 6, já que afirmam que Cristo pregou um ano ou até apenas alguns meses.”

— *Gerhard Vossius, 1643*

“O texto em João 6... não poderia ter sido encontrado no texto dos primeiros dois séculos... Acho, incontestavelmente, que S. Ireneu não leu as palavras [‘a Páscoa’] em João 6:4.”

— *Henry Browne, Ordo Sæculorum, 1844*

Estes estudiosos observam que o silêncio dos antigos, juntamente com o contexto interno e as evidências manuscritas, sustentam fortemente que João 6:4 é **uma adição posterior**.

4. A Evidência Patrística

Para compreender a duração do ministério de Yeshua, é essencial entender o papel dos **Pais da Igreja**. Estes primeiros escritores cristãos, cuja literatura nos chegou em grande parte através da tradição da Igreja Católica, constituem uma das nossas principais janelas para o texto original dos Evangelhos. É importante notar que nem todos estes autores eram católicos no sentido formal do termo, e algumas das fontes que citaremos são mesmo consideradas ainda hoje como heréticas pela Igreja Católica. Apesar disso, tanto os autores oficialmente reconhecidos como Pais da Igreja quanto aqueles não o são, fornecem informações valiosas sobre a leitura dos Evangelhos nos primeiros séculos.

Os textos que possuímos datam sobretudo do século III ou posteriores, sendo cópias de múltiplas gerações de manuscritos. Não temos acesso aos textos originais escritos por qualquer um dos evangelistas. Uma forma de nos aproximarmos do texto inicial é, portanto, recorrer às obras dos **cristãos dos séculos I e II**, que citam, comentam ou reinterpretam os Evangelhos. Ao estudar estes escritos, podemos obter uma **visão indireta do texto primitivo** que serviu de base às cópias que sobreviveram até nós. A relevância dos Pais da Igreja na investigação textual é amplamente reconhecida pela crítica académica. A frequência e a extensão com que estes autores citam os Evangelhos tornam-nos testemunhas indispensáveis para a reconstrução do texto primitivo. Como assinalam Metzger e Ehrman:

"...tão extensas são essas citações que, se todas as outras fontes de conhecimento do texto do Novo Testamento fossem destruídas, elas seriam suficientes por si só para a reconstrução de praticamente todo o Novo Testamento."

— Metzger and Ehrman, *The Text of the New Testament*

A relevância dos Pais da Igreja não reside apenas nas suas interpretações teológicas, embora estas sejam valiosas, mas sobretudo no **testemunho que proporcionam acerca do texto que tinham diante de si**. Ao analisar o que eles escreveram, é possível reconstruir, quase na totalidade, o **evangelho original que eles conheceram**, permitindo avaliar questões cruciais, como a duração do ministério de Yeshua. Neste sentido, o estudo dos Pais da Igreja fornece ferramentas fundamentais para sustentar a hipótese de um ministério de aproximadamente **um ano**, oferecendo uma base textual e histórica mais próxima do período que os evangelistas registraram.

Muito antes de Eusébio de Cesareia consolidar a ideia de três anos e meio de ministério, **vários autores cristãos primitivos defenderam ou assumiram um ministério breve** de Yeshua — por vezes explicitamente limitado a cerca de um ano.

Clemente De Alexandria: O Testemunho de Uma Escola Bíblica Proeminente

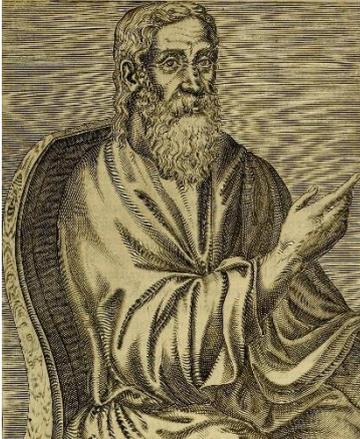


Figura 2 - Clemente de Alexandria

Escrevendo por volta do ano **198 d.C.**, **Clemente de Alexandria** (150 a 215 d.C.) oferece um dos testemunhos mais antigos sobre a duração do ministério de Yeshua. Na sua obra *Stromata*, Clemente declara:

“O nosso Senhor pregou apenas durante um ano. Este é o ‘ano aceitável do Senhor’, que Ele veio proclamar.”

— *Stromata*, Livro I, Capítulo 21

“E era necessário que ele pregasse apenas um ano, isso também está escrito: ‘Ele me enviou para proclamar o ano aceitável do Senhor.’ Isso tanto os profetas falaram quanto o Evangelho.”

— *Stromata*, Livro VI

Esta afirmação, feita por um dos principais teólogos da Igreja primitiva, não deixa margem para dúvidas: na sua óptica, **o ministério de Yeshua durou um ano**. Clemente não apresenta esta ideia como especulação ou símbolo espiritual. A referência ao “ano aceitável do Senhor” (cf. Isaías 61:2, citado em Lucas 4:19) é, para ele, **literal e cronológica**. Ele não está apenas a citar as Escrituras; está a interpretar diretamente os Evangelhos que tinha à sua disposição.

É fundamental compreender **quem era Clemente**. Ele viveu entre aproximadamente 150 e 215 d.C. e foi o **director da escola catequética de Alexandria**, no Egito — um dos maiores centros de erudição do mundo antigo. Alexandria possuía a biblioteca mais vasta da Antiguidade e era um importante centro de estudo bíblico e filosófico. Clemente não era um marginal ou místico obscuro; era **um dos académicos cristãos mais respeitados da sua época**, formado numa escola que daria origem também a figuras como Orígenes, ele próprio discípulo e sucessor de Clemente.

A questão aqui não é apenas **qual a opinião de Clemente**, mas sim: **qual a versão do Evangelho de João que ele tinha à sua frente?** Quando ele afirma que é evidente nos Evangelhos que o ministério de Yeshua durou um ano, está a basear-se na **leitura literal do texto disponível na sua época**. E isso levanta uma pergunta direta: **tinha Clemente João 6:4, tal como o conhecemos hoje, no seu Evangelho?**

Como já vimos, estudiosos posteriores, como **Zachary Pearce (1777)** e **Henry Browne (1844)**, consideraram muito provável que Clemente **não tivesse João 6:4** na sua cópia do Evangelho. Se tivesse, dificilmente teria declarado que o ministério durou um ano — pois João 6:4 introduz uma terceira Páscoa, o que implicaria pelo menos dois anos de ministério.

Além disso, o argumento de Clemente baseia-se diretamente em **Lucas 4:16–19**, onde Yeshua lê a profecia de Isaías 61:1–2 na sinagoga de Nazaré e proclama:

“...apregoar o ano aceitável do Senhor... Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos.”

Para Clemente, esta leitura é o ponto de partida e o **marco temporal do ministério**. A expressão **“o ano aceitável do Senhor”** não é, aqui, uma metáfora espiritual ou uma figura de estilo profética. É, segundo ele, um **marcador cronológico** que delimita a duração da missão de Yeshua. Isto sugere que o ministério teria ocorrido durante um **ano de Jubileu** (Levítico 25:10). Consequentemente, se

Yeshua iniciou e concluiu a sua missão dentro desse ano litúrgico especial, **a duração do seu ministério corresponderia a um ano completo**⁷, reforçando a ideia de um ministério relativamente breve nos primeiros séculos da tradição cristã.

É ainda mais relevante notar que **Eusébio de Cesareia**, autor da tradição posterior dos três anos e meio, **reconhece que os evangelhos sinópticos — Mateus, Marcos e Lucas — apresentam um ministério de um ano**. Para Eusébio, é apenas o evangelho de João, com a inclusão da suposta terceira Páscoa em João 6:4, que permite estender a cronologia. Ora, Clemente, anterior a Eusébio, **não faz esta distinção**. Ele afirma abertamente que **os Evangelhos**, no seu conjunto, indicam um ministério de um ano.

Isto significa que, já no final do século II, **existia e era ensinada em círculos académicos uma tradição firme e documentada** sobre a brevidade do ministério messiânico. O ministério de um ano **não é uma visão nova**, nem uma reconstrução moderna. É, de facto, **a visão mais antiga conhecida e documentada**, com raízes nos séculos I e II, e defendida por um dos teólogos mais respeitados de uma das escolas cristãs mais influentes do mundo antigo.

Se Clemente tivesse em mãos uma versão do Evangelho de João com João 6:4 tal como o conhecemos hoje, **não poderia ter afirmado** com tanta clareza e convicção que o ministério de Yeshua durou apenas um ano. Por conseguinte, o seu testemunho é **uma evidência histórica crucial** — não só da tradição exegética primitiva, mas também da **provável ausência de João 6:4** nas versões mais antigas do Quarto Evangelho.

Tertuliano: O Testemunho de Um Ministério Breve

Tertuliano (c. 155 a c. 240 d.C.), teólogo e apologista cristão do final do século II e início do século III, apresenta um **testemunho significativo sobre a duração do ministério de Yeshua**. Na sua obra *Adversus Marcionem* (Contra Marcião, Livro IV, Capítulo 19), afirma que Cristo pregou durante **“um único ano inteiro”**. Esta observação surge no contexto da sua refutação às interpretações de Marcião, que propunha uma cronologia distinta da tradição cristã ortodoxa.

“Para nós lemos que Ele não pregou mais do que **um único ano inteiro**.”

— *Adversus Marcionem, Livro IV, Capítulo 19*

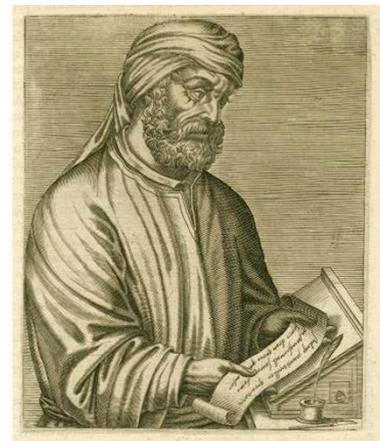


Figura 3 - Tertuliano

Ao afirmar um ministério tão breve, Tertuliano adota uma **linha interpretativa que contrasta com tradições posteriores**, como a de Eusébio de Cesareia, que descreve um ministério de **três anos e meio**.

Tertuliano segue a mesma tradição de Clemente e Orígenes, indicando que **a visão de um ministério de um ano era comum entre os primeiros cristãos**. O seu testemunho evidencia que **já no final do século II existia a noção de um ministério de curta duração**, reforçando a ideia de que os

⁷ Muito embora não seja do âmbito deste artigo desenvolver este tema, é convicção do autor que o **ano de Jubileu tinha início no 1º mês do ano (Aviv ou Nisan)** e não no 7º mês, como atualmente se advoga em algumas interpretações actuais (inclusive a judaica). Isto significa que o ministério de Yeshua teria tido início por alturas da Páscoa.

autores patrísticos procuravam **integrar tradição, tipologia e historicidade** numa narrativa coerente do ministério de Cristo.

Ireneu de Lião: A Contagem das Páscoas

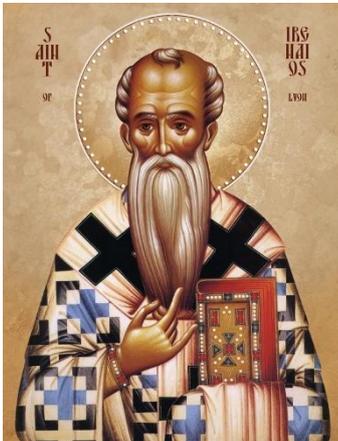


Figura 4 - Ireneu de Lião

Ireneu de Lião (c. 130 a 202 d.C.) é uma das figuras centrais da teologia cristã dos séculos II e III. Natural da Ásia Menor, provavelmente de Esmirna, onde foi discípulo de **Policarpo**, que por sua vez fora discípulo do apóstolo João, Ireneu tornou-se mais tarde **bispo de Lugdunum** na Gália (atual Lyon, França). A sua obra magna, *Adversus Haereses* (Contra as Heresias), escrita por volta de **180 d.C.**, é uma refutação sistemática do gnosticismo, especialmente do sistema do gnóstico Valentim, então uma séria ameaça à doutrina da Igreja primitiva.

É precisamente neste contexto — ao refutar os valentinianos — que Ireneu aborda a questão da **cronologia do ministério de Yeshua**. Ele critica os seguidores de Valentim por assumirem que o ministério de Yeshua durou **apenas um ano** após o batismo, e por não consultarem devidamente os Evangelhos para apurar a sequência dos acontecimentos. Ireneu escreve:

“É muito surpreendente como [os valentinianos] afirmam ter encontrado as profundezas de Deus e não procuraram nos Evangelhos para ver quantas vezes após o seu batismo o Senhor subiu a Jerusalém... e lá celebrou a festa da Páscoa.”
— *Adversus Haereses, Livro II, Capítulo 22*

“Ele não pregou apenas durante um único ano...”
— *Adversus Haereses, Livro II, Capítulo 22*

Neste trecho, Ireneu não está a defender de todo a tese de um ministério de um ano, mas sim a atacar os valentinianos por interpretarem que tudo quanto Yeshua ensinou e fez após o seu batismo ocorreu num único ano. Ou seja, quem defendia o ministério de um ano eram os valentinianos e essa, segundo Ireneu, era uma simplificação perigosa. No entanto, o ponto mais notável é o que se segue: Ireneu enumera **as idas de Yeshua a Jerusalém para a Páscoa**, com base nos Evangelhos — sobretudo o de João — e ao fazê-lo, oferece **um testemunho cronológico valiosíssimo**. O texto completo é o seguinte:

“A primeira vez que ele subiu à festa da Páscoa foi depois de transformar água em vinho em Caná da Galileia [João 2]; depois disso, ele subiu a Jerusalém para a festa da Páscoa pela segunda vez. Nessa ocasião, ele curou o paralítico que estava deitado ao lado da piscina há trinta e oito anos [João 5]. Novamente, ele partiu para o outro lado do lago de Tiberíades [João 6:1], onde, quando uma grande multidão o seguiu, ele satisfez toda a multidão com cinco pães [João 6:2–14]. Então está escrito que seis dias antes do dia da Páscoa ele veio para Betânia [João 12]. De Betânia subiu a Jerusalém e comeu a Páscoa [João 13] e sofreu no dia seguinte [João 19]. Ora, todos vão admitir que essas três vezes da Páscoa não fazem um ano.”
— *Adversus Haereses, Livro II, Capítulo 22*

A frase final é significativa. Ireneu afirma que **“todos vão admitir que essas três vezes da Páscoa não fazem um ano”**, com o objetivo explícito de **refutar a ideia defendida pelos gnósticos**

valentinianos de que o ministério de Yeshua teria durado apenas um ano após o seu batismo. Para Ireneu, a existência de **três Páscoas distintas** nos Evangelhos — João 2, João 5 (interpretado como Páscoa), e João 13 — demonstra que o ministério foi mais prolongado. Esta enumeração é usada por ele **como argumento cronológico contra o sistema gnóstico**, sustentando que um ministério que inclui três festas pascais **não pode caber num único ano civil**. Ainda que Ireneu, noutros trechos da mesma obra, defenda uma posição teológica mais invulgar — a de que Yeshua teria vivido até aos 40 ou 50 anos (cf. *Adv. Haer.* II.22.5–6) —, aqui ele está simplesmente a tentar demonstrar que o ministério **não foi tão breve como os valentinianos afirmavam**, sem necessariamente especificar quanto tempo durou. No entanto, a ironia do argumento é que, ao tentar estender o ministério para além de um ano, **Ireneu enumera exatamente três Páscoas, e não mais, e não inclui João 6:4**, o que sugere que o Evangelho de João que ele utilizava **não continha esse versículo**. Assim, embora a sua intenção fosse apologética, o que a sua enumeração de facto transmite é **a ausência de uma Páscoa em João 6:4** e, portanto, **uma cronologia compatível com um ministério de cerca de um ano**. Mais relevante ainda, Ireneu **cita diretamente João 6:1–14**, o episódio da **multiplicação dos pães**, mas **nada diz sobre a existência de uma Páscoa neste ponto**. Ora, se João 6:4 estivesse presente no texto que ele utilizava, seria praticamente impossível ignorá-lo, sobretudo num contexto em que está explicitamente a contar as Páscoas de Yeshua. De facto, **ele vê João 6 como um momento de saída de Jerusalém, e não de peregrinação a ela**. Isto reforça a ideia de que **o Evangelho de João na posse de Ireneu não continha João 6:4**, pelo menos na forma que conhecemos hoje.

O argumento é sublinhado pelo erudito **Henry Browne**:

“Acho, incontestavelmente, que S. Ireneu não leu as palavras [‘a Páscoa’] em S. João 6:4. Se ele estava tão ansioso para encontrar uma Páscoa onde não havia nenhuma (v.1), não era, de todo, provável que ele ignorasse uma passagem onde uma era mencionada, especialmente quando ele nota o conteúdo dessa mesma passagem...”
— *Henry Browne, Ordo Sæculorum, 1844*

De facto, Ireneu esforça-se por identificar a festa **não nomeada em João 5** como sendo uma Páscoa — presumivelmente para manter a sua contagem — o que torna **a ausência de referência à Páscoa em João 6 ainda mais evidente**. É impensável que, tendo mencionado João 6, ele omitisse uma referência explícita a uma festa pascal, se esta estivesse no texto.

A implicação é clara: **Ireneu está a ler um texto de João que não inclui João 6:4** tal como hoje o conhecemos. E isso coloca-o, juntamente com **Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano e Ticónius**, no grupo dos autores antigos que preservaram ou utilizaram **uma versão do Evangelho de João mais coerente com um ministério de cerca de um ano**.

Em suma, embora Ireneu teologicamente deseje afastar-se da posição valentiniana de um ministério de um ano, a **contagem que ele próprio faz das Páscoas — João 2, João 5, João 13 — resulta num ciclo anual⁸**, e **João 6:4 está ausente**. A sua tentativa de teologizar sobre uma vida prolongada de Yeshua não se apoia na cronologia evangélica que ele mesmo expõe. Assim, paradoxalmente, Ireneu acaba por **reforçar, com a sua enumeração factual, a hipótese de um ministério breve** — exatamente a posição que tentava refutar.

⁸ Porque João 5 não é, na verdade, uma Páscoa, como veremos adiante.

Orígenes de Alexandria: O Pai da Crítica Textual

Orígenes (c. 185 a 253 d.C.), foi um dos maiores estudiosos cristãos da Antiguidade. Discípulo direto do legado de Clemente, foi nomeado **líder da Escola Catequética de Alexandria**, após a partida de Clemente da cidade. Essa escola não era uma simples instituição de ensino: localizava-se em **Alexandria**, o maior centro de conhecimento do mundo antigo, lar da famosa Biblioteca de Alexandria, que reunia obras e manuscritos de todo o mundo greco-romano e judaico. Nesse ambiente de investigação textual intensa, Orígenes cresceu e formou-se — e é por isso que o seu testemunho sobre os Evangelhos é de uma importância excepcional.

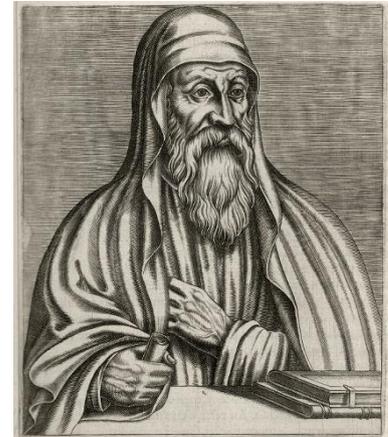


Figura 5 - Orígenes de Alexandria

Desde jovem, Orígenes demonstrava uma paixão inusitada pelas Escrituras. A sua dedicação era tão radical que levava uma vida ascética extrema: **dormia no chão, jejuava frequentemente, evitava carne e prazeres mundanos**, e até se **castrou a si mesmo**, interpretando literalmente Mateus 19:12. Concorde-se ou não com as suas práticas, o seu compromisso com o estudo da Palavra de Deus era inquestionável. Acabou por ser martirizado durante a perseguição do imperador Décio, morrendo em consequência das torturas.

Além de ser um exímio exegeta e teólogo, Orígenes foi **o pioneiro da crítica textual cristã**. Em Alexandria, uma das preocupações intelectuais mais importantes era a reconstrução dos textos originais, especialmente os de **Homero**, considerado quase sagrado pelos gregos. Havia várias versões divergentes da *Ilíada* e da *Odisseia*, e os estudiosos alexandrinos tentavam recuperar o texto mais antigo e fiável.

Orígenes aplicou **os mesmos princípios ao estudo das Escrituras**, tanto do Antigo como do Novo Testamento. A sua obra monumental, a **Hexapla**, é um testemunho do seu rigor:



Figura 6 - Hexapla de Orígenes

um manuscrito com **seis colunas paralelas**, que incluíam o texto hebraico em caracteres hebraicos, a transliteração do hebraico em caracteres gregos, e quatro traduções gregas (incluindo a Septuaginta). O objetivo era **comparar, analisar e identificar variantes**, para chegar ao texto original. Orígenes compreendia que **sem um texto seguro, qualquer interpretação — alegórica ou literal — perderia valor**. Como ele mesmo defendeu, **não se pode alegorizar corretamente um texto se não se conhece o seu conteúdo original**.

Com esse pano de fundo, torna-se ainda mais significativa a sua afirmação, em três obras distintas, de que o ministério de Yeshua foi breve:

“Jesus foi enviado para pregar durante um ano completo.”

— *Comentário sobre Mateus*

“Seguindo o sentido simples do texto, alguns afirmam que o Salvador pregou o evangelho na Judeia por apenas um ano...”

— *Homilias sobre Lucas 4:19*

“... [Yeshua] ensinou apenas durante um ano e alguns meses...”

— *De Principiis*, Livro IV, 3

É notável que Orígenes introduz a sua observação dizendo **“segundo o sentido simples do texto”**. Isto é de particular importância vindo de alguém que era um mestre da alegoria. Ao contrário de outros pontos em que Orígenes explora múltiplos níveis de interpretação, aqui ele **aceita a leitura literal e cronológica dos Evangelhos** como válida e evidente. Isto mostra que, na sua época, **a ideia de um ministério de cerca de um ano não era nem polêmica nem marginal — era partilhada por diversos cristãos instruídos**.

Como Clemente, Orígenes baseia esta conclusão **na leitura direta de textos como Isaías 61:2 e Lucas 4:19**, onde Yeshua proclama “o ano aceitável do Senhor”. Para Orígenes, o cumprimento desta profecia não é uma abstração teológica, mas uma **afirmação cronológica concreta**. E, à semelhança de Clemente, Orígenes **não mostra qualquer consciência de uma terceira Páscoa entre João 2 e João 13**, o que levanta uma questão crítica: **tinha Orígenes João 6:4 na sua versão do Evangelho de João?**

A resposta mais provável é **não**. Como notam **Zachary Pearce** e **Henry Browne**, **Orígenes (como Clemente e Ireneu)** parece desconhecer esse versículo. A sua afirmação de um ministério de apenas “um ano e alguns meses” seria **incoerente com a presença de três Páscoas em João**, como implica João 6:4. Se Orígenes conhecesse esse versículo tal como hoje o lemos, **não poderia ter escrito o que escreveu**.

Infelizmente, a parte do seu **Comentário sobre João** que trata diretamente de **João 6:4** não chegou até nós. No entanto, temos acesso ao seu comentário sobre **João 5**, o qual nos oferece **indicações claras sobre a sua compreensão da sequência cronológica entre João 2, 5 e 7**. Escreve ele:

“Mas devemos responder [àqueles que dizem que a festa não nomeada em João 5 é a Páscoa] que quando ele veio para a Galileia [em João 2, que é logo antes da Páscoa], onde anteriormente ele tinha transformado a água em vinho... E ‘depois dessas coisas houve uma festa dos judeus [João 5], e Jesus subiu a Jerusalém’, nessa altura ele curou o paralisado... Mas **se esta festa fosse a Páscoa** (pois o seu nome não é mencionado), **a sequência do relato fica apertada**, e isso é especialmente verdade, já que um pouco mais tarde [em João 7] é mencionado que ‘a Festa dos Tabernáculos dos Judeus estava próxima.’”

— *Comentário sobre João, Livro XIII, §258*

Orígenes **rejeita que João 5 se refira à Páscoa** justamente porque **isso criaria uma sobreposição narrativa** com a Páscoa de João 2 e a Festa dos Tabernáculos de João 7. Ele diz claramente que **“a sequência do relato fica apertada”** — isto é, **não há espaço suficiente** para incluir mais uma Páscoa entre esses eventos.

Se, para Orígenes, **já era difícil inserir uma Páscoa em João 5**, muito menos haveria espaço para uma outra em João 6 — a suposta terceira Páscoa sugerida por João 6:4. A inferência natural é que **João 6:4 não fazia parte do seu texto**. E mais uma vez, não estamos apenas a discutir a opinião de Orígenes, mas **o texto do Evangelho que ele tinha diante de si**, o qual ele analisava com método crítico.

Assim, Orígenes reforça — pela sua autoridade, pelo seu método e pelo seu contexto — a tradição de um **ministério breve de Yeshua**, documentada pelos mais antigos intérpretes da Igreja. A sua obra, rigorosa e centrada na integridade textual, é uma das mais fortes evidências indiretas de que **a interpolação de João 6:4 não constava nas versões primitivas do Quarto Evangelho**.

Ticónius: Um Eco da Tradição de Um Ano Após Eusébio



Para encerrar o testemunho patrístico sobre a duração do ministério de Yeshua, é oportuno introduzirmos um último autor da antiguidade cristã: **Ticónius**. O seu nome é menos conhecido que o de qualquer dos anteriores, mas o seu testemunho é altamente significativo por uma razão fundamental: **viveu depois de Eusébio de Cesareia**.

Ticónius escreveu por volta do ano **380 d.C.**, ou seja, cerca de **cinquenta a sessenta anos após Eusébio**, o grande defensor da ideia de que Yeshua teria ministrado durante **três anos e meio**, em conformidade com a “meia semana” de Daniel 9:27. Eusébio é, aliás, o primeiro autor conhecido a ter **João 6:4 no seu Evangelho**, como veremos mais adiante. O facto de

Figura 7 - Ticónius

Ticónius escrever **posteriormente** torna o seu testemunho particularmente intrigante — pois,

apesar da cronologia eusebiana já estar bem estabelecida, ele expressa **uma ideia completamente diferente**.

Comentando Mateus 23:2–3, onde Yeshua afirma que “os escribas e fariseus se assentam na cadeira de Moisés”, Ticónius reflete sobre a razão de tais instruções serem dadas tão perto da crucificação:

“Ele deu estes preceitos apenas para os próximos dois dias, porque depois disso ele já não estava vivo... Mas se ele também tivesse transmitido estas coisas desde o início da sua pregação, teria sido um ano. Nesse ano, qual seria a necessidade de ensinar o que estaria em vigor apenas até à paixão?”

— *Comentário sobre Mateus 23:2–3*

Este comentário, embora indireto, é revelador. Ticónius **assume como evidente que o ministério de Yeshua teria durado cerca de um ano** — e que, se ele tivesse ensinado essas mesmas coisas desde o início, o ensinamento teria perdurado por um ano inteiro. A própria formulação da frase sugere que **o ano era o limite máximo concebido por Ticónius para a duração da pregação pública de Yeshua**.

É importante compreender o contexto do seu argumento. Ticónius está a questionar o propósito de Yeshua ensinar que os fariseus ocupam a “cadeira de Moisés”, se apenas dois dias depois ele seria crucificado. A sua conclusão é que os ensinamentos dados durante o ministério de Yeshua **tinham validade apenas até à sua morte**. O valor simbólico permaneceria para a Igreja, mas a autoridade literal cessava com a crucificação. No seu raciocínio, **a brevidade do ministério é assumida como um dado cronológico**, sendo o ano o enquadramento máximo.

E aqui está o ponto fulcral: **Ticónius está a escrever várias décadas depois de Eusébio**, numa época em que a versão eusebiana de três anos e meio já se encontrava disseminada — e, com ela, **o versículo João 6:4**. No entanto, **o comentário de Ticónius reflete uma cronologia de um ano**, o que levanta a questão inevitável: **teria ele João 6:4 na sua versão do Evangelho de João?**

É difícil conciliar a sua afirmação com a presença de três Páscoas no ministério de Yeshua. Se Ticónius conhecesse João 6:4 tal como o lemos hoje, a sua reflexão perderia sentido, pois a duração do ministério seria, no mínimo, de dois anos. A sua formulação só faz sentido **num contexto textual onde João 6:4 está ausente** — o que sugere que, mesmo no final do século IV, **circulavam ainda versões do Evangelho de João que não incluíam esse versículo**.

Este dado confirma um padrão já observado com Clemente, Tertuliano, Orígenes e Ireneu: **vários Pais da Igreja dos séculos II a IV escrevem a partir de uma versão do Evangelho de João que não contém João 6:4**. Por outro lado, Eusébio, defensor da cronologia de três anos e meio, claramente trabalha com uma versão que inclui esse versículo. Assim, o que temos não é apenas um debate exegético, mas **evidência da existência de duas tradições textuais distintas do Evangelho de João**.

Uma tradição — preservada por Clemente, Tertuliano, Orígenes, Ireneu e Ticónius — **não inclui João 6:4** e permite uma cronologia de cerca de **um ano**. A outra — seguida por Eusébio e perpetuada na tradição posterior — **inclui João 6:4** e **expande o ministério para mais de dois anos**, com três Páscoas mencionadas.

Portanto, o comentário de Ticónius, embora breve, é altamente relevante. Ele mostra que mesmo **depois de Eusébio**, ainda havia cristãos a trabalhar com **uma versão mais antiga do Evangelho de João**, sem João 6:4. Esta coexistência de versões textuais confirma que **a interpolação foi tardia e não universalmente aceite**, reforçando a legitimidade da hipótese de um **ministério de um ano** como sendo **historicamente antiga, textualmente fundada e teologicamente coerente**.

Epifânio de Salamina: Confirmação Tardia De Um Ministério Breve

Epifânio de Salamina (c. 310 a 403 d.C.) foi bispo de Salamina, em Chipre, e é conhecido principalmente pela sua obra **Panarion**, uma vasta refutação de **heresias cristãs**.

Epifânio de Salamina registou a tradição de um ministério de Yeshua com duração aproximada de um ano. Na sua obra *Panarion* (Haer. 51:22), ele afirma:

“O Senhor completou a Sua missão em cerca de um ano.”
— *Panarion* (Haer. 51:22)



Figura 8 - Epifânio de Salamina

A sua obra centra-se nas **heresias**, o que significa que ele estava ciente de **opiniões alternativas**, mas ainda assim **sustentava a cronologia mais curta**.

Também este testemunho é significativo, pois, à semelhança de **Ticónius**, Epifânio escreveu no **século IV**, uma época em que a tradição de um **ministério de três anos** já estava bem estabelecida, especialmente influenciada por **Eusébio de Cesareia**. A afirmação de Epifânio indica que, mesmo nesse período, ainda havia **correntes que defendiam uma duração mais curta para o ministério de Yeshua**.

João Crisóstomo: a Tensão de João 6:4 e a Alegada Abolição da Torá



Figura 9 - João Crisóstomo

Mesmo João Crisóstomo (c. 347–407 d.C.), embora defensor da tradição eusebiana, reconhece a tensão causada por João 6:4:

“Como é então[...] que Ele não sobe à festa, mas, quando todos se dirigem a Jerusalém porque é Páscoa, vai Ele próprio para a Galileia? E não vai sozinho, mas leva consigo os seus discípulos e segue depois para Cafarnaum?... Começava silenciosamente a anular a Torá.”

— *Homilia XLVIII sobre João 6:4*

Esta observação, ainda que crítica, revela a consciência da **incongruência entre João 6:4 e o comportamento de um judeu observante da Lei**. Este aparente desvio da Torá torna-se, então, uma dificuldade teológica séria. Pois, se aceitarmos João 6:4 tal como está, Yeshua não apenas teria **ignorado o mandamento da peregrinação pascal**, como também teria **induzido outros a fazerem o mesmo**. A implicação é grave: o “Cordeiro sem defeito” teria transgredido a Torá, o que mina a base da cristologia tradicional.

Para Crisóstomo, a incongruência de João 6:4 não é um problema narrativo, mas uma prova do **processo de substituição da Torá pela Nova Aliança**. Segundo ele, Yeshua estaria deliberadamente a afastar-se da observância da Lei, não por fraqueza ou por descuido, mas como parte de uma missão teológica superior: inaugurar a nova realidade do Evangelho.

Contudo, esta interpretação levanta um problema ainda maior: **como poderia Yeshua anular a Torá e, ao mesmo tempo, cumprir o papel de Cordeiro perfeito e sem mancha?** A própria lógica da redenção bíblica exige que o Messias cumpra a Torá plenamente, sem falha nem transgressão. A sugestão de Crisóstomo de que Yeshua estaria a “abolir” a Lei é, por isso, **teologicamente absurda e bíblicamente impossível**.

O mais provável e que Crisóstomo ignora, não é que Yeshua tivesse ignorado a Páscoa — algo que o invalidaria como Messias — mas que este versículo represente **uma inserção ou tradição tardia** que gera incoerência no relato. O facto de Crisóstomo ter sentido a necessidade de justificar a estranheza de João 6:4 demonstra que já no século IV este era reconhecido como um **texto problemático**.

Assim, a tentativa de Crisóstomo em resolver a dificuldade interpretando-a como abolição progressiva da Torá não só não resolve a questão, como **contradiz frontalmente a identidade messiânica de Yeshua**. A verdadeira solução deve ser procurada não numa quebra da Torá por parte do Messias, mas na **crítica textual** e no reconhecimento de que João 6:4 pode não refletir o relato original.

5. O Novo Testamento Romanche e a “Scenophagia”

Outro dado particularmente relevante para a discussão sobre a cronologia do ministério de Yeshua provém do **Novo Testamento Romanche**, uma versão na língua romanche do texto bíblico preservada por comunidades **valdenses** durante a Idade Média. Os valdenses foram um movimento cristão que existiu **fora da Igreja Romana durante séculos**, conservando tradições e textos próprios que remontam a comunidades pré-eusébianas. Segundo diversos estudiosos, os valdenses descendem espiritualmente dos **paulicianos** e, com eles, mantinham a sua própria versão das Escrituras, conhecida como a **Bíblia Italiana Antiga** — um texto em latim anterior à **Vulgata** de Jerónimo e portanto à influência editorial de Eusébio de Cesareia.

Este texto foi posteriormente traduzido para a **língua romanche**⁹. No contexto destas comunidades periféricas ao poder eclesiástico de Roma, o Novo Testamento Romanche representa uma **tradição textual alternativa** que pode preservar variantes muito antigas.

Um exemplo notável encontra-se precisamente em **João 6:4**. Nesta versão do Novo Testamento Romanche, o versículo aparece assim:

“Scenophagia, uma festa dos judeus, estava próxima.”

O termo **“Scenophagia”** é de origem grega e latina, e refere-se de forma inequívoca à **Festa dos Tabernáculos (Sucot)**. Trata-se de uma palavra antiga que surge não só nesta versão valdense, mas também em outras obras medievais, como a **Bíblia de Wycliff** e a **Antiga Bíblia Francesa**. Não há, portanto, qualquer ambiguidade quanto ao seu significado: **Scenophagia significa claramente a Festa dos Tabernáculos**¹⁰.

Este dado é extremamente relevante, pois sugere que, em versões mais antigas do **Evangelho de João** — anteriores à padronização ortodoxa promovida por Eusébio — o versículo João 6:4 não mencionava a **Páscoa**, mas sim **Sucot, os Tabernáculos**. Esta leitura é, aliás, **mais coerente com o contexto imediato dos capítulos 6 e 7**, onde se encontram temas fortemente associados à liturgia da Festa dos Tabernáculos: o “pão do céu”, a “água viva”, a ressurreição no último dia e o juízo do fim dos tempos.

Além disso, este tipo de variante não deve ser descartado como simples erro marginal ou corrupção isolada. As comunidades valdenses **preservaram outras leituras antigas** que diferem da Vulgata ou do texto bizantino, e o testemunho de João 6:4 no Novo Testamento Romanche deve ser levado a sério como **uma janela para formas textuais anteriores à intervenção editorial de Eusébio de Cesareia e da ortodoxia nicena**.

Em suma, esta variante indica que, **antes da consolidação do texto evangélico por Eusébio e seus sucessores**, circulavam versões do Evangelho de João em que **a festa mencionada em João 6:4 era a dos Tabernáculos — e não a Páscoa**. Longe de ser um erro marginal, esta leitura apresenta-se como **a mais coerente com o fluxo narrativo dos capítulos 6 e 7 de João, com o ciclo anual das festas bíblicas e com os restantes evangelhos sinópticos**, que não mencionam qualquer Páscoa entre o início do ministério de Yeshua e a sua paixão. Ao inserir Sucot no lugar da Páscoa, esta variante **alinha o relato joanino com o calendário festivo de Israel de forma natural e harmoniosa**, e oferece um contributo importante para uma reavaliação séria da duração do ministério de Yeshua

⁹ Falada sobretudo no cantão suíço dos Grisons (Graubünden) e reconhecida hoje como uma das quatro línguas nacionais da Suíça.

¹⁰ Scenophagia: Σκηνή (skēnē) – “tenda” ou “tabernáculo” + Φάγος / φαγία (phágos / phagía) – “comer”. I.e. comer na tenda ou tabernáculo.



com base em tradições fora da corrente dominante do cristianismo imperial. Tudo indica que **esta** poderá muito bem ser a leitura autêntica anterior à intervenção eusebiana.

6. A Transição Para o Ministério de Três Anos e Meio

Ao examinarmos **João 6:4**, verificámos que, já no **século II d.C.**, circulavam manuscritos que **não incluíam essa referência pascal**. A prova encontra-se nos testemunhos dos **Pais da Igreja — Clemente de Alexandria, Ireneu de Lião e Orígenes** — que, como vimos, sustentaram a tese de um **ministério mais curto, de cerca de um ano**, precisamente porque a sua versão do Evangelho de João não continha esta Páscoa adicional. **Este facto foi reconhecido e debatido por estudiosos cristãos ao longo de séculos**, permanecendo até hoje como um dado relevante da crítica textual.

No caso de **Orígenes**, cuja vida se estendeu do final do século II até meados do século III (c.185 a 253), a questão torna-se particularmente interessante. **Na fase inicial da sua produção literária, ele defende explicitamente a ideia de um ministério de apenas um ano**, em harmonia com o testemunho dos evangelhos sinópticos. Contudo, **os defensores de um ministério mais longo** apontam para o facto de que, mais tarde na sua vida, Orígenes teria começado a **admitir a possibilidade de um ministério de três anos ou até três anos e meio**. Assim, ainda que nunca tenha renegado as suas declarações iniciais, os seus escritos tardios são **invocados como uma das fontes mais antigas desta nova interpretação**.

A base dessa mudança não reside, porém, na **contagem das Páscoas no Evangelho de João**, mas numa **leitura alegórica do livro de Daniel**. Em **Daniel 9:27** lemos:

“Ele fará firme aliança com muitos por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.”

Orígenes interpreta esta “semana” de forma alegórica como um período de setenta anos, dividido em duas metades de trinta e cinco. Para ele, **os primeiros trinta e cinco anos vão do advento de Yeshua até à sua morte**, enquanto **os segundos trinta e cinco anos se estendem da ressurreição até à destruição do Templo em 70 d.C.** Por consequência, a morte de Yeshua teria de ocorrer por volta do **ano 33 ou 35**, o que implica um **ministério de aproximadamente três anos**. Noutra passagem, Orígenes parece reforçar esta mesma leitura, deixando entrever que **já no final da sua vida concebia um ministério mais longo do que inicialmente defendera**.

É importante notar que **esta transição no pensamento de Orígenes não resulta de qualquer alteração textual ou descoberta de uma nova Páscoa em João**, mas sim de uma **interpretação alegórica da profecia de Daniel**. Por isso, **mesmo os proponentes de um ministério prolongado reconhecem que não dispõem de testemunhos anteriores a Orígenes para sustentar esta perspetiva**. Alguns referem **Melito de Sardes**¹¹ († c. 180) como uma possível fonte mais antiga, mas essa referência é **disputada e permanece incerta**.

O primeiro autor em que encontramos, de forma **clara e consistente**, a defesa de um **ministério de três anos e meio é Eusébio de Cesareia (c. 260–340)**. Conhecido como o **“pai da história da Igreja”** e figura de destaque no **Concílio de Niceia (325)**, Eusébio desempenhou um papel decisivo na **sistematização desta nova cronologia, que viria a prevalecer ao longo dos séculos seguintes**. Os Pais da Igreja pós-nicenos rejeitaram, em geral, a ideia de um ministério de um ano, levando ao seu desaparecimento gradual.

¹¹ Bispo de Sardes, uma cidade perto de Esmirna, na Anatólia ocidental, atual Turquia; e uma grande autoridade na igreja primitiva.

Eusébio e a Consolidação do Modelo dos Três Anos e Meio

No entanto, **antes de chegarmos à explicação de Eusébio sobre os três anos e meio**, é necessário perceber como ele interpretava o **Evangelho de João**. Já vimos que o próprio Eusébio reconhece que, de acordo com **Mateus, Marcos e Lucas**, o ministério de Yeshua se estendia apenas por um ano. Surge então a questão inevitável: **como pode o Evangelho de João sustentar três anos e meio, se os sinópticos apontam para apenas um?**

Na sua monumental obra **História Eclesiástica** — a primeira grande tentativa de escrever uma história da Igreja — Eusébio procura preencher esta lacuna. Muito do que sabemos hoje sobre o cristianismo dos dois primeiros séculos deve-se ao seu trabalho. Contudo, há também um **perigo inerente**: Eusébio **seleciona cuidadosamente** aquilo que transmite, omitindo realidades que lhe pareceriam marginais ou até heréticas. Por exemplo, ele quase não nos fala dos numerosos crentes judeus em Yeshua que continuavam a guardar a Torá.

Eusébio escreve:

“Os três Evangelhos já mencionados tendo chegado às mãos de todos e também às de [João], dizem que [João] os aceitou e testemunhou a sua veracidade; **mas que faltava neles um relato dos feitos realizados por Cristo no início do seu ministério.**”
— *História Eclesiástica, Livro III, Capítulo 24, 7*

Por outras palavras, Eusébio entende que **o Evangelho de João foi escrito para cobrir as lacunas deixadas pelos sinópticos**, especialmente no início do ministério de Yeshua.

Prossegue ainda:

“João, no seu evangelho, **regista os feitos de Cristo que foram realizados antes de João Batista ser lançado na prisão**, mas os outros três evangelistas mencionam os eventos que **aconteceram depois desse tempo.**”
— *História Eclesiástica, Livro III, Capítulo 24, 12*

Assim, para Eusébio, **tudo o que João relata e que não se encontra em Mateus, Marcos ou Lucas teria ocorrido antes da prisão de João Batista**. Isto revela o carácter **forçado da sua posição**: ele precisa de encaixar todos os episódios adicionais de João **num período anterior ao ministério sinóptico de um ano**, que ele próprio admite.

Contudo, quando escreve **“A Demonstração do Evangelho”**, Eusébio afirma:

“Ora, todo o período do ensino e realização de milagres do nosso Salvador é dito ter sido de três anos e meio, que é metade de uma semana. **João, o Evangelista, no seu Evangelho, deixa isso claro para os atentos.**”
— *Demonstratio Evangelica, Livro VIII, capítulo 2*

A referência à **“metade de uma semana”** provém de **Daniel 9:27**, texto que já havia sido interpretado alegoricamente por Orígenes. Enquanto Orígenes via nessa “semana” um período simbólico de **setenta anos**, Eusébio interpreta-a como **sete anos literais**, divididos ao meio: **três anos e meio antes da morte de Cristo e três anos e meio depois da ressurreição**.

Eusébio insiste que **o próprio Evangelho de João confirma essa duração**, mesmo sem alegoria: “João deixa isso claro para os atentos”. Mas de onde retira ele tal clareza?

Manipulação e os Dois Erros de Eusébio

Para sustentar esta tese, Eusébio recorre a dois passos fundamentais que **não se encontram no texto de forma inequívoca**:

1. **Inserção de uma Páscoa “fantasma” em João 6:4.**
2. **Interpretação da festa não nomeada em João 5:1 como sendo também uma Páscoa.**

A motivação é clara: **prolongar artificialmente o ministério de Yeshua**. O resultado é uma versão “reeditada” do Evangelho de João, em que:

- João 2: primeira Páscoa,
- João 5: Páscoa presumida,
- João 6:4: Páscoa inserida,
- João 12: última Páscoa.

Deste modo, Eusébio consegue **quatro Páscoas no Evangelho de João**, onde consegue encaixar cerca de três anos e meio de ministério.

O problema é evidente: esta construção **contradiz os sinópticos**, que condensam toda a atividade pública de Yeshua **entre uma Páscoa e a seguinte**¹².

De facto, se aceitarmos as duas Páscoas adicionais de Eusébio, isso implicaria que **nos dois primeiros anos completos após o batismo, Yeshua nada teria feito**, ficando um ano inteiro de “silêncio”. É uma consequência teológica e histórica altamente problemática.

O Modelo Alegórico

Eusébio reforça a sua leitura com uma aplicação alegórica de Daniel 9:27:

“Uma semana de anos, portanto, representaria todo o período da Sua associação com os Apóstolos, tanto o tempo antes da Sua Paixão, como o tempo após a Sua Ressurreição. Pois está escrito que antes da Sua Paixão Ele se mostrou durante o espaço de três anos e meio aos Seus discípulos e também àqueles que não eram Seus discípulos... Mas depois da Sua ressurreição, Ele esteve muito provavelmente com os Seus discípulos por um período igual aos anos, sendo visto por eles durante quarenta dias, comendo com eles e falando das coisas relativas ao Reino de Deus, como nos dizem os Atos dos Apóstolos.”

— *Demonstratio Evangelica, Livro VIII, capítulo 2*

Assim, Eusébio conclui que Yeshua teria tido **três anos e meio de ministério antes da crucificação e três anos e meio depois da ressurreição** — perfazendo **sete anos completos**, em consonância com a “semana” de Daniel.

O problema, porém, é evidente: **o Novo Testamento nunca fala de três anos e meio após a ressurreição**. O que encontramos são **quarenta dias de aparições narrados em Atos 1**, acompanhados de algumas menções pontuais posteriores. A construção de Eusébio é, portanto,

¹² Ver Apêndice.

uma leitura alegórica retroativa, ajustada para se encaixar num modelo profético que ele já tinha em mente.

Além disso, quando Eusébio afirma que o Evangelho de João torna esta cronologia clara, a dificuldade aumenta. Onde está João a dizer que Yeshua teve três anos e meio de ministério? A resposta de Eusébio é indireta: se considerarmos a festa não nomeada de **João 5** como sendo uma Páscoa, e aceitarmos **João 6:4** como outra referência pascal, então somam-se três anos e pouco — o tempo de que Eusébio precisa. Mas aqui nota-se bem o seu método: **não parte do texto de João para chegar a uma conclusão; parte da conclusão (sete anos de Daniel) e obriga o texto a encaixar-se nela.**

O raciocínio de Eusébio lembra a metáfora de **Ibn Ezra**. Eusébio claramente não atira a flecha para o alvo, mas **desenha o alvo à volta da flecha depois de a disparar.**

Eusébio **começa com a convicção de que o ministério deve durar três anos e meio** (baseado em Daniel 9:27) e só depois **reinterpreta João 5 e João 6 para sustentar a sua conclusão.**

Desta forma, compreendemos melhor porque razão Eusébio é considerado o **primeiro autor cristão a consolidar claramente a ideia de um ministério de três anos e meio**, ainda que à custa de **inserções artificiais e leituras forçadas.**

43^τ δε ϩ66* • 44^ο ϩ66.75 B W a b sa ac² pbo bo^{pl} • 45^Ϛ υμας D* 1424 pc | υμιν ϩ75* L 1241 pc | ^τ προς τον πατερα B • 47^Ϛ πιστευσητε D W Δ Θ f^{1.13} 565. 579. 1241. 1424 al | πιστευετε ϩ66.75* B pc bo^{pl}; Did | txt ϩ75c ϩ A L Ψ 33 ϩ lat
 ¶ 6,1^Ϛ / 2 ϩ66* pc | 3 4 N 0210 pc bo^{ms} | τ. Γαλ. εις τα μερη τ. Τιβ. D Θ 892 pc b e j r^l
 • 2^Ϛ και -θει A Θ Ψ ϩ q vg sy^h | και -θησαν (et οχλοι -λλοι) 1424 pc f | txt ϩ66.75vid ϩ B D L N W f^{1.13} 33. 565. 579. 892. 1241 al it sa^{ms} bo^{pl}; Epiph | Ϛ-ρουντες (et om. οτι) W | † εωρων ϩ66* ϩ f¹ ϩ | txt ϩ66c.(75) (A) B D L N (Θ) Ψ (f¹³) 33. 579. 892. 1241 al • 3^Ϛ ουν D W f^{1.13} 565 pc lat sa^{ms} ac² | Ϛ ο I. ϩ² A L Θ Ψ f^{1.13} ϩ | - Δ pc | txt ϩ66 ϩ* B D W | Ϛ 2 / U f¹ 565 pc | 2 047 pc | εκει (- ϩ*) εκαθεζετο ϩ66 ϩ (Ϛ D) f¹³; Epiph • 4^ο vs 472 pc
 • 5^Ϛ ϩ66* ϩ D Θ 892 pc | ^τ τον A Θ f^{1.13} ϩ | txt ϩ66 ϩ B D L N W Δ Ψ 33. 579. 892 al | Ϛ-σωσιν ϩ75vid • 7^Ϛ-θη ουν αυ. ϩ66 (ϩ²) | -νεται ουν ϩ* | -νεται αυτ. D | ο ϩ75 A B D Θ Ψ f^{1.13} 33 ϩ | txt ϩ66 ϩ L N W 892 pc | ο¹ ϩ75 B D it | txt ϩ66 ϩ A L W Θ Ψ f^{1.13} 33 ϩ c f vg sy^h • 9^τ εν A K Γ Δ Θ 700. 1424 ϩ lat sy^{s.p.h}

Figura 11 - Nestle-Aland 27^a edição, 8^a impressão (2004). Início do capítulo 6 de João com o vs.4 evidenciado.

Porém, em 2006 (9.^a impressão), a referência muda: já não é o manuscrito 472, mas sim o **1634**, juntamente com outros.

43^τ δε ϩ66* • 44^ο ϩ66.75 B W a b sa ac² pbo bo^{pl} • 45^Ϛ υμας D* 1424 pc | υμιν ϩ75* L 1241 pc | ^τ προς τον πατερα B • 47^Ϛ πιστευσητε D W Δ Θ f^{1.13} 565. 579. 1241. 1424 al | πιστευετε ϩ66.75* B pc bo^{pl}; Did | txt ϩ75c ϩ A L Ψ 33 ϩ lat
 ¶ 6,1^Ϛ / 2 ϩ66* pc | 3 4 N 0210 pc bo^{ms} | τ. Γαλ. εις τα μερη τ. Τιβ. D Θ 892 pc b e j r^l
 • 2^Ϛ και -θει A Θ Ψ ϩ q vg sy^h | και -θησαν (et οχλοι -λλοι) 1424 pc f | txt ϩ66.75vid ϩ B D L N W f^{1.13} 33. 565. 579. 892. 1241 al it sa^{ms} bo^{pl}; Epiph | Ϛ-ρουντες (et om. οτι) W | † εωρων ϩ66* ϩ f¹ ϩ | txt ϩ66c.(75) (A) B D L N (Θ) Ψ (f¹³) 33. 579. 892. 1241 al • 3^Ϛ ουν D W f^{1.13} 565 pc lat sa^{ms} ac² | Ϛ ο I. ϩ² A L Θ Ψ f^{1.13} ϩ | - Δ pc | txt ϩ66 ϩ* B D W | Ϛ 2 / U f¹ 565 pc | 2 047 pc | εκει (- ϩ*) εκαθεζετο ϩ66 ϩ (Ϛ D) f¹³; Epiph • 4^ο vs 1634 pc
 • 5^Ϛ ϩ66* ϩ D Θ 892 pc | ^τ τον A Θ f^{1.13} ϩ | txt ϩ66 ϩ B D L N W Δ Ψ 33. 579. 892 al | Ϛ-σωσιν ϩ75vid • 7^Ϛ-θη ουν αυ. ϩ66 (ϩ²) | -νεται ουν ϩ* | -νεται αυτ. D | ο ϩ75 A B D Θ Ψ f^{1.13} 33 ϩ | txt ϩ66 ϩ L N W 892 pc | ο¹ ϩ75 B D it | txt ϩ66 ϩ A L W Θ Ψ f^{1.13} 33 ϩ c f vg sy^h • 9^τ εν A K Γ Δ Θ 700. 1424 ϩ lat sy^{s.p.h}

Figura 12- Nestle-Aland 27^a edição, 9^a impressão (2006). Início do capítulo 6 de João com o vs.4 evidenciado.

Na **28.^a edição (NA28, 2010)**, surpreendentemente, **não há qualquer nota sobre João 6:4**. Questionados, os editores explicaram que não é possível incluir todas as variantes e que, neste caso, consideraram a omissão “não suficientemente importante”. O resultado, porém, é que **um leitor moderno pode não suspeitar que exista qualquer problema com João 6:4**.

O Estudo “Text und Textwerk”

A viragem ocorreu com a publicação, em 2005, da obra alemã **Text und Textwerk**. Os autores analisaram versículos selecionados do Evangelho de João em mais de **1.000 manuscritos** preservados em microfilme na Universidade de Münster.

743	744	747	775	787	788	792	799	807	809
821	826	827	828	829	833	841	851	863	873
874	878	883	884	888	889	891	892	899	904
931	968	969	979C	982	983	989	992	993	994
1009	1010	1014	1021	1026	1029	1043	1071	1079	1085
1087	1093	1113	1118	1126	1128	1187	1188	1200	1204
1219	1220	1223	1230	1241	1242	1253	1256	1263	1267
1272	1273	1291	1293	1319	1321	1344	1346	1354	1355
1365	1375	1387	1398	1414	1421	1424	1441	1446	1451
1457	1463	1502	1506	1531	1538	1541	1546	1561	1571
1580	1582	1589	1593	1606	1626	1630	1654	1677	1690
1692	1699	1784	1788	1816	1819	2095	2106	2107	2129
2148	2174	2184	2192	2193	2223	2278	2290	2291	2304
2321	2398	2400	2404	2411	2463	2478	2492	2516	2524
2546	2561	2567	2573	2575	2585	2591	2600	2615	2661
2680	2683	2685	2705	2713	2718	2756	2768	2775	2786
2790	2812								
BYZ	ANZAHL DER ZEUGEN: 1653				162 listed				
3	OM. VS 4				BYZ = 1491				
163*	1634	2206							
	ANZAHL DER ZEUGEN: 3				=verse 4 with				
4	VS 4 CUM ASTERISCIS VEL OBELIS				asterisk or obelisk				
156	178	187	748	2525	2684				
	ANZAHL DER ZEUGEN: 6								
V	AUSLASSUNG VON 3 BIS 4								
979*									
	ANZAHL DER ZEUGEN: 1								
Y	FILMFEHLER								
50	407	646	1015	1317	1458				
	ANZAHL DER ZEUGEN: 6								

■	59	6.4	<u>ην δε εγγυς το πασχα η εορτη των ιουδαιων</u>						
1/2	VS 4								
P66	P75	01	02	03	05	011	017	019	022
032	038	041	044	063	0141	0211	1	13	22
24	33	63	68	69	79	109	114	118	124
131	138	152	154	157	158	160	163C	165	168
173	180	185	191	205	209	213	220	222	228
245	249	265	268	270	280	295	315	333	345
348	357	370	377	382	389	391	397	401	423
430	472	482	489	508	513	515	537	543	544
555	557	565	579	581	589	597	648	649	679
683	713	716	720	726	731	732	733	736	740

Figura 13 - Text und Textwerk, 2005, Universidade de Münster.

No caso de João 6:4, concluíram que:

- O versículo **está presente nos 162 manuscritos listados**, incluindo testemunhos de grande peso como **P66** e **P75**, geralmente datados do **século II** (portanto, anteriores a Eusébio) embora essa datação seja contestada por alguns académicos que os estimam como posteriores a Eusébio.
- Além desses, indicaram que **mais de 1.650 manuscritos bizantinos** (designados coletivamente por **BYZ**) também preservam João 6:4.

Contudo, este levantamento também revelou contradições. Por exemplo, o manuscrito 472, que a Nestle-Aland assinalara como omitindo João 6:4, é afinal listado pelo **Text und Textwerk** como contendo o versículo.

O Caso do Manuscrito 472

O **manuscrito 472** (datado dos séculos XI a XII d.C.), preservado no Palácio de Lambeth em Inglaterra¹³, mostra de facto as palavras “**to Pascha**” – a Páscoa – em João 6:4. Porém, na margem aparece um símbolo em forma de **estrela** — um **obelisco**.

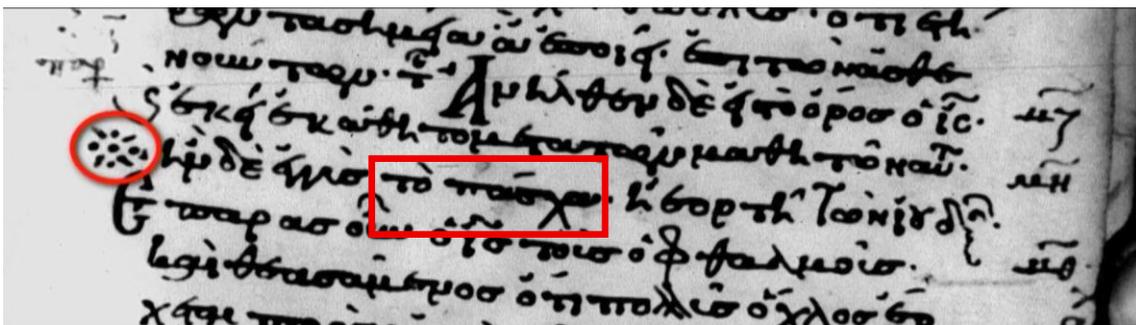


Figura 14 - Manuscrito 472 com as palavras “to Pascha” e obelisco na margem.

O que significa isto? Desde a Antiguidade que os escribas usam **asteriscos e obeliscos** para marcar passagens consideradas **duvidosas ou secundárias**. O próprio **Orígenes** explica:

“Marcámos com um Obelisco aquelas passagens que não se encontram no hebraico... e adicionámos outras com um asterisco, para que fique claro que foram acrescentadas. Quem assim desejar pode aceitá-las; quem não desejar, pode rejeitá-las.”
(*Comentário sobre Mateus*, XV, 14)

Assim, no caso do manuscrito 472, **João 6:4 está presente, mas marcado como questionável**.

O Peso das Evidências

O que aprendemos com estes dados?

1. **Pais da Igreja (séculos II–IV):** Clemente, Ireneu, Orígenes e outros **não tinham João 6:4 nas suas cópias ou a sua redação era diferente, não constando nele qualquer referência a uma Páscoa.**
2. **Manuscritos (séculos XI–XV):** Vários códices preservam João 6:4, mas em alguns casos com marcas de dúvida (asterisco/obelisco).
3. **Crítica textual moderna:** Durante séculos, estudiosos cristãos reconheceram que **João 6:4 era problemático** (Vossius em 1643, Pearce em 1777, Henry Browne em 1844, entre outros).
4. **Síntese histórica:** Existem evidências de que **no século II circulavam pelo menos duas tradições textuais** — uma **sem João 6:4**, usada por pelos vários Pais da Igreja que já vimos anteriormente, e outra **com João 6:4** usada a partir de Eusébio de Cesareia e refletida em manuscritos como P66 e P75.

¹³ Residência oficial em Londres do Arcebispo da Cantuária, líder da Igreja Anglicana.



Em suma, a questão de João 6:4 não é apenas uma disputa interpretativa: **é uma questão de transmissão textual concreta**, com raízes profundas na história da Igreja e da preservação do Novo Testamento.

8. Uma Cronologia Coerente e Profética

Removendo João 6:4 ou aceitando que originalmente se referia aos Tabernáculos, **a cronologia do Evangelho de João torna-se fluida e harmoniosa**, encaixando-se num único ciclo litúrgico judaico:

1. **João 2** – Primeira Páscoa e início do ministério.
2. **João 5** – Festa sem nome (possivelmente Pentecostes).
3. **João 6–7** – Yom Teruá e Sucot (Tabernáculos).
4. **João 10** – Chanucá (Festa da Dedicção).
5. **João 13–19** – Última Páscoa e crucificação.

Este esquema cobre **aproximadamente um ano** e coincide com o “ano aceitável do Senhor” profetizado por Isaías e proclamado por Yeshua:

“O Espírito do Senhor está sobre mim [...] para proclamar o ano aceitável do Senhor.”
— *Lucas 4:19; Isaías 61:2*

A adoção da cronologia de um ano levanta ainda várias implicações teológicas:

- **Cumprimento da Torá:** Yeshua participa nas festas obrigatórias, não omite nenhuma e mantém-se irrepreensível perante a Lei.
- **Autoridade dos Evangelhos:** A leitura proposta preserva a integridade narrativa e cronológica dos textos sem forçar interpretações externas.
- **Urgência messiânica:** Um ministério breve acentua a intensidade e foco da missão de Yeshua, que, em pouco tempo, transforma o mundo.

9. O Cordeiro Pascal: Um Macho de Um Ano (Êxodo 12:5)

A Torá estabelece requisitos claros para o sacrifício pascal:

“O cordeiro será sem defeito, macho de **um ano**; podereis tomar um cordeiro ou um cabrito.”

— Êxodo 12:5

Esta exigência não era arbitrária. O **cordeiro pascal** deveria ser:

1. **Macho** — símbolo de vigor, autoridade e representação comunitária.
2. **Sem defeito** — imagem de pureza e perfeição.
3. **De um ano** — ainda jovem e inocente, no auge da sua força inicial.

No contexto da tipologia bíblica, estas características apontam profeticamente para Yeshua. Os evangelistas, de modo consistente, apresentam-no como **o Cordeiro de Deus** (João 1:29) que tira o pecado do mundo. Mas o detalhe do “**um ano**” não tinha só relevância prática, como também **um profundo significado profético**. A idade do cordeiro pascal é particularmente relevante para a discussão da duração do ministério.

Se Yeshua é o cumprimento perfeito da figura do cordeiro pascal, não bastava que fosse sem pecado; a **duração do Seu ministério** teria também de corresponder ao padrão estabelecido pela Torá. Um cordeiro de dois, três ou quatro anos já não era válido para a Páscoa. Assim, um ministério de vários anos introduziria uma tensão entre a tipologia exigida e o cumprimento messiânico.

Um cordeiro com um ano de idade encontrava-se no auge da sua vitalidade. Já não era um recém-nascido frágil, mas também ainda não havia envelhecido. Representava a **plenitude da força e da vida**, oferecida a Deus na flor da idade. Esse era o animal escolhido para ser sacrificado em memória da libertação do Egito e como sinal da redenção do povo.

Aplicando esta tipologia a Yeshua, o verdadeiro **Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo** (João 1:29), o detalhe de Êxodo 12:5 torna-se altamente significativo. Se o cordeiro pascal devia ser um macho de um ano, então o **Messias, cumprimento perfeito dessa figura, não poderia ter um ministério de três anos e meio**, como defendeu a tradição posterior, mas sim um **ministério comprimido no espaço de um único ciclo anual**.

Assim, como o cordeiro pascal era oferecido na plenitude do primeiro ano, também Yeshua entregou a sua vida **no auge do seu ministério terreno, cumprido num ano**. Esta leitura harmoniza o mandamento da Torá com a cronologia apresentada nos Evangelhos quando lida sem interpolações tardias, como a de João 6:4.

Deste modo, o requisito mosaico do cordeiro pascal não é apenas um detalhe cerimonial, mas uma **confirmação profética** de que o ministério de Yeshua foi breve, intenso e completo — **um só ano**, do batismo à cruz.

Alguns intérpretes defendem que esta exigência se refere apenas à idade do animal literal, e não ao ministério de Yeshua. No entanto, os evangelistas não parecem separar a figura do cordeiro pascal da obra redentora de Yeshua. Pelo contrário, João é explícito ao vinculá-Lo ao cordeiro sacrificado (João 19:36; cf. Êxodo 12:46; Números 9:12). O cumprimento não é apenas na **forma da morte** (nenhum osso quebrado), mas também no **tempo do ministério**.

Portanto, se a Torá exigia um cordeiro de **um ano**, então Yeshua, como o verdadeiro Cordeiro, deveria cumprir esse padrão em toda a sua plenitude — incluindo a duração do Seu ministério terreno. Um ministério de um ano está em linha com a exigência tipológica de Êxodo 12:5 e realça a fiabilidade histórica dos evangelhos sinópticos, sem comprometer a historicidade do Evangelho de João.

Em suma, o requisito do **cordeiro pascal de um ano** não é um detalhe menor da Lei, mas uma peça essencial para a coerência entre:

- **a tipologia da Torá,**
- **a cronologia dos Evangelhos,**
- **e a identidade messiânica de Yeshua.**

10. Conclusão

Ao longo deste estudo percorremos o testemunho dos **Pais da Igreja**, analisámos a posição de **Eusébio de Cesareia** e de outros intérpretes posteriores, e considerámos ainda a **evidência manuscrita** relativamente a João 6:4. O resultado que emerge é claro: a tese de um **ministério público de Yeshua com a duração aproximada de um ano** não é apenas uma hipótese moderna, mas uma leitura **antiga, documentada e consistente**.

Resolução de Tensões

O modelo de um ano tem a vantagem de **resolver as tensões cronológicas** que surgem quando se tenta harmonizar os quatro Evangelhos. Se aceitarmos a leitura tradicional — baseada na inserção de duas Páscoas adicionais em João (5:1 e 6:4) — deparamos-nos com **longos períodos de silêncio**, de seis meses a dois anos, nos quais nada é narrado sobre a atividade de Yeshua. Isso contrasta frontalmente com o tom vibrante e intenso dos Evangelhos, que apresentam um ministério **ininterrupto e dinâmico**.

Ao removermos a **Páscoa de João 6:4** e ao reconhecermos que a festa de João 5:1 não é uma Páscoa mas antes **Shavuot (Pentecostes)**, obtemos uma narrativa **cronologicamente fluida**, sem hiatos forçados. Assim, o ministério de Yeshua decorre de forma contínua, da primeira até à última Páscoa e em perfeita sintonia entre João e os Sinópticos.

O Ciclo Festivo De Israel

Outro ponto notável é a **coerência com o calendário festivo de Israel**. Num único ano, Yeshua percorre as principais festas:

- **Páscoa (João 2)** – momento inaugural, quando sobe a Jerusalém após o batismo e a purificação do Templo.
- **Shavuot (João 5)** – festa das semanas, ligada à dádiva da Torá, em que cura o paralítico, antecipando a nova vida concedida pelo Espírito.
- **Sucot (João 7)** – a Festa dos Tabernáculos, na qual se proclama a si mesmo como a fonte da água viva e a luz do mundo.
- **Chanucá (João 10)** – a Festa da Dedicção, em que se apresenta como o verdadeiro templo e pastor do rebanho.
- **Páscoa final (João 12–19)** – culminação do seu ministério, como o **Cordeiro de Deus** imolado em favor de Israel e das nações.

Este **percurso litúrgico**, vivido em apenas um ciclo anual, não é apenas cronológico mas **profundamente simbólico**, revelando Yeshua como o cumprimento vivo das festas de Israel.

Coerência Profética e Teológica

Finalmente, o ministério de um ano possui uma **força profética e teológica** que o modelo alargado não consegue oferecer. Desde a leitura de Isaías 61 — “**o ano aceitável do Senhor**” — até à aplicação messiânica feita em Lucas 4, a Escritura aponta para um **tempo concentrado e único de**

missão. Yeshua inaugura esse ano de libertação, cura e anúncio do Reino, cumprindo de modo pleno o testemunho da Torá e dos Profetas.

Além disso, esta cronologia **evita imputar ao Messias qualquer violação da Lei.** A ausência de uma subida a Jerusalém em João 6:4, se entendida como uma Páscoa, colocaria em causa a sua fidelidade à Torá, pois Deuteronómio 16:16 exigia a presença de todos os varões em Jerusalém. A leitura sem essa Páscoa fantasma preserva a **irrepreensibilidade de Yeshua**, o Cordeiro sem mancha.

O Cordeiro Pascal: Um Macho de Um Ano (Êxodo 12:5)

Um último elemento de enorme significado reforça esta interpretação. A **Torá** exige que o cordeiro pascal fosse **“um macho de um ano, sem defeito”** (Êxodo 12:5). A tipologia messiânica é evidente: Yeshua é o **Cordeiro de Deus** (João 1:29) que tira o pecado do mundo. Ora, se o cordeiro pascal deveria ter exatamente **um ano de idade**, não dois nem três, mas um, isso aponta para a perfeição do **ministério de um ano** do Messias.

Assim como o cordeiro era escolhido, separado e sacrificado no tempo certo, Yeshua foi identificado no seu batismo, apresentou-se em Jerusalém na Páscoa, percorreu o ciclo das festas e entregou-se na Páscoa seguinte.

Este paralelismo não é apenas literário, mas teológico e profético: um Messias com um ministério mais longo — de três anos ou mais — quebraria o paralelismo instituído pela própria Torá. Só um **ministério concentrado num ano**, correspondente ao cordeiro pascal de um ano, preserva a coerência da tipologia bíblica.

Síntese

Assim, o quadro que se desenha é o de um **ministério breve, intenso e pleno de significado**, que percorre num só ano os pontos culminantes do calendário judaico e cumpre em detalhe as Escrituras. A tese de três anos e meio, fundada em leituras alegóricas de Daniel 9:27 e em inserções textuais posteriores, revela-se frágil e artificial.

O **ano aceitável do Senhor** não é apenas uma metáfora, mas a chave para compreendermos o ritmo, a coerência e a plenitude do ministério de Yeshua.

Referências

Bibliografia

- **Browne, Henry.** *Ordo Saeculorum: A Treatise on the Chronology of the Holy Scriptures.* London: John W. Parker, 1844.
- **Orígenes.** *Commentary on the Gospel of John.* In *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 9. Ed. Allan Menzies. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1896.
- **Orígenes.** *De Principiis.* In *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 4. Ed. Alexander Roberts and James Donaldson. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885.
- **Ireneu de Lion.** *Adversus Haereses (Against Heresies).* In *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 1. Ed. Alexander Roberts and James Donaldson. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885.
- **Eusébio de Cesareia.** *Historia Ecclesiastica (Church History).* In *Nicene and Post-Nicene Fathers*, Series II, Vol. 1. Ed. Philip Schaff and Henry Wace. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1890.
- **Eusébio de Cesareia.** *Demonstratio Evangelica (Proof of the Gospel).* Trans. W. J. Ferrar. London: SPCK, 1920.
- **Pierce, Zachary.** *A New Defence of Christianity.* London: J. Noon, 1777.
- **Servant Of The Most High.** “Was Jesus' Ministry 1 Year Or 3 Years? Breaking Down The Evidence”. The Commands of God. 17 de março de 2025. Disponível em: <https://godscommands.com/post/was-jesus-ministry-1-year-or-3-years-breaking-down-the-evidence>
- **Servant Of The Most High.** “Was Jesus' Ministry 1 Year Or 3 Years? Breaking Down The Evidence – Part 2”. The Commands of God. 18 de março de 2025. Disponível em: <https://godscommands.com/post/was-jesus-ministry-1-year-or-3-years-breaking-down-the-evidence-part-2>
- **Vossius, Gerardus.** *De Theologicis Disputationibus.* Amsterdam, 1643.

Recursos em Vídeo:

- **Nehemia's Wall.** *Does John 6:4 Belong in the New Testament?* Debate em 4 partes no YouTube:
 - Parte 1: <https://www.youtube.com/watch?v=cZiWWqLWTgE&list=PL-qCFPbQH3aboXHEepi3r5TSQO2e15rjH&index=1>
 - Parte 2: <https://www.youtube.com/watch?v=eBmiF9Evu18&list=PL-qCFPbQH3aboXHEepi3r5TSQO2e15rjH&index=3>
 - Parte 3: <https://www.youtube.com/watch?v=mov8rYUBZdQ&list=PL-qCFPbQH3aboXHEepi3r5TSQO2e15rjH&index=4>
 - Parte 4: <https://www.youtube.com/watch?v=gUxc0JHz1iw&list=PL-qCFPbQH3aboXHEepi3r5TSQO2e15rjH&index=5>

Apêndice

O Testemunho dos Evangelhos Sinópticos

Ao longo deste estudo, ficou patente que os Evangelhos Sinópticos apresentam de forma clara um ministério de Yeshua circunscrito a um ano, e que a aparente discrepância com o Evangelho de João apenas surge quando se assume como original a menção a uma Páscoa em João 6:4. Importa, por isso, apresentar uma análise direta dos **dados sinóticos**, para avaliar se existe neles qualquer indicação de um ministério que se estenda para além de um ano.

1. Uma Única Páscoa Mencionada

Nos três Evangelhos — Mateus, Marcos e Lucas — a **única Páscoa mencionada** é a que coincide com a **paixão, morte e ressurreição de Yeshua** (Mateus 26; Marcos 14; Lucas 22).

- Não há referência a Yeshua subir a Jerusalém em Páscoas anteriores.
- A ausência de menção não pode ser tomada como descuido, pois a subida obrigatória a Jerusalém para a Páscoa era um mandamento da Torá (Deuteronómio 16:16).
- Assim, o silêncio dos Sinópticos sugere que **o ministério público decorreu entre uma Páscoa e a seguinte**.

2. Estrutura Segundo o Ciclo Festivo Anual

Os Sinópticos parecem organizar a narrativa segundo um **ritmo litúrgico anual**:

- **Início após a Páscoa**: o batismo, a tentação e os primeiros milagres inauguram o ministério.
- **Shavuot/Pentecostes**: a escolha dos Doze (Marcos 3:13–19) corresponde simbolicamente à entrega da Torá e à constituição de Israel como povo.
- **Sucot/Tabernáculos**: temas da **luz** e da **água viva**, ainda que mais explícitos em João, encontram ecos nos discursos e milagres sinóticos.
- **Chanucá/Dedicação**: o confronto no templo e as discussões sobre a autoridade de Yeshua remetem para o contexto da purificação e identidade de Israel.
- **Páscoa final**: a entrada em Jerusalém, a Última Ceia e a paixão culminam o ciclo.

Este percurso sugere uma **narrativa que acompanha um calendário anual**, culminando na Páscoa da morte do Messias.

3. Indicações Cronológicas Internas

Os Sinópticos recorrem frequentemente a expressões como **“no sábado seguinte”**, **“passados alguns dias”**, **“ao cabo de seis dias”** (Marcos 9:2), ou **“logo depois”**, que transmitem uma sensação de **proximidade temporal contínua**.

- Não há hiatos explícitos de vários meses ou anos.

- Em contraste, o Evangelho de João introduz intervalos longos por meio de múltiplas festas em Jerusalém.

4. O Testemunho de Eusébio

Curiosamente, até **Eusébio de Cesareia** (c. 260 a 339), que será o grande defensor do ministério de três anos e meio, reconhece a diferença clara entre João e os Sinópticos:

“João, no seu evangelho, regista os feitos de Cristo que foram realizados antes de João Batista ser lançado na prisão, mas **os outros três evangelistas** mencionam **os eventos que aconteceram depois desse tempo.**”

— *História Eclesiástica, Livro III, Capítulo 24, 12*

Por outras palavras e de acordo com Eusébio, **Mateus, Marcos e Lucas apresentam o ministério concentrado num só período**, após a prisão de João Batista — período que se encerra com a Páscoa da paixão.

Eusébio reconhece ainda que esse período único foi de **um ano**:

“É evidente que os três Evangelistas registaram apenas os feitos realizados pelo Salvador durante um ano, após a prisão de João Batista...”

— *História Eclesiástica, Livro III, Capítulo 24.7*

5. Coerência Narrativa

A narrativa sinótica é compacta e coerente:

- O ministério inicia-se na Galileia;
- Prossegue com ensinamentos e milagres, sempre em crescendo;
- Conduz a uma única subida final a Jerusalém;
- Conclui-se com a Páscoa da paixão.

Não há espaço narrativo para mais de uma Páscoa.

Conclusão do Apêndice

O exame dos **Evangelhos Sinópticos** mostra que:

- Apenas mencionam **uma Páscoa**;
- Seguem um **ritmo festivo anual**;
- Apresentam uma **cronologia contínua e sem hiatos**;
- São reconhecidos até por Eusébio como descrevendo **apenas um ano de ministério**.



Assim, os Sinópticos constituem o testemunho mais claro de que o ministério público de Yeshua foi compreendido, na sua forma original, como decorrendo **no espaço de um único ano**, em perfeito paralelismo com a tipologia do cordeiro pascal, “**um macho de um ano**” (Êx 12:5).